O ORIENTE PORTUGUEZ

REVISTA DA COMMISSÃO ARCHEOLOGICA

DA

INDIA PORTUGUEZA

Não me mandes contar estranha historia
Mas mandas me louvar dos meus a gloria.
camões *Lus.*, c. III, est. III

VOLUME II — 1905

N.º 3 — Março

NOVA GÔA

IMPRENSA NACIONAL

1905

COMMISSÃO DE REDACÇÃO

Dr. Alberto Osorio de Castro.
Capitão José Augusto Alves Roçadas.
J. A. Ismael Gracias.

SUMMARIO

Do numero 3.º

I — UMA INSCRIPÇÃO INGLEZA EM DIU, por *J. Herculano de Moura.*

II — A INDIA EM 1623–1624 (conclusão), por *J. A. Ismael Gracias*, em dois artigos.

III — BREVE NOTICIA DA ORIGEM E DIVULGAÇÃO DOS ESTUDOS SUPERIORES EM GOA, POR METHODOS EUROPEUS E EM LINGUA PORTUGUEZA, pelo general *João de Mello de Sampayo.*

IV — O SYMBOLISMO DA TRIMURTI D'ELEPHANTA.

V — GOA E ALGUMAS DAS SUAS POVOAÇÕES, TOPONYMIA E ETYMOLOGIA, por *V. A. C. B. de Albuquerque.*

VI — INSCRIPÇÕES E EPITAPHIOS NAS IGREJAS DE BOMBAIM (continuação), por *J. B. Anancio Gracias.*

VII — GALERIA LAPIDAR NO MUSEU REAL DA INDIA PORTUGUEZA (continuação), por *J. M. do Carmo Nazareth.*

UMA INSCRIPÇÃO INGLEZA EM DIU

Ao Exmo Snr. Conselheiro Eduardo A. R. Galhardo K. C. I. E.

—«*Hoje em dia podemos accrescentar á historia lendaria da humanidade todos os capitulos da historia revelada pela epigraphia. Sabemos melhor a Historia do Egypto, a dos Imperios do Euphrates, a dos Gregos e dos Romanos, do que nunca a sonharam Herodoto e Tito Livio*». —

Clémence Royer.

(«La Constituition du Monde».)

Demandando o porto de Diu, vindo do sul, defronta-se com um panorama verdadeiramente grandioso e impressionante. Avista-se muito de largo, a umas vinte milhas, a folhagem de esguias palmeiras emergindo da superficie quieta e plana do oceano, ou espreitando e desapparecendo ao sabor das alterosas vagas, atiradas de rojão ás pedregosas praias da Ilha. Toma mais nitidez o contorno da costa, á medida que o viajante se approxima; divisa-se a casaria boiante, por detraz das exhalações vaporosas do sólo rochoso e quente; salienta-se a aridez da peninsula do Kathiawár, que vem morrer em frente de Diu; e reconhece-se, emfim, as pedras negras e esboroadas da famosa e veneranda Fortaleza.

E' um scenario imponente e inesquecivel que então se desenrola ante a vista e faz vibrar em maxima tensão as fibras de um coração portuguez. E' a evocação de todo um passado brilhante e heroico a subjugar completamente o pensamento, em frente d'esses derradeiros testemunhos do herculeo esforço lusitano.

Approxima-se ainda mais da terra, e o magestoso baluarte — *Cavalleiro* (1) — do Castello mostra, no tope do mastro de signaes as côres da nossa bandeira. Não resta duvida: está-se em frente de terra portugueza. Nas aguas que agora sulcámos troaram pela primeira vez os canhões de Portugal em frente de Diu, no combate naval ferido entre os navios de D. Francisco de Almeida e os de Melique láz (2), em que «*os nossos fizerão cousas tão maravilhosas em armas que se não podem cótar*», como se exprimia Castanheda em sua desataviada linguagem (3); em seguida passámos, talvez, precisamente no logar em que o galeão de D. Nuno da Cunha recebeu (4) a visita de Bahadur, momentos antes da desastrada morte d'este versatil sultão do Guzerathe que tinha «*mais audacia que fortaleza, mais temeridade que audacia* (5) e cujos ul-

(1) O baluarte mais alto do castello de Diu, aonde está collocado o mastro de signaes e o pharol do porto. Está a uns 50m acima do nivel do mar e foi construido em 1636, pelo governador Francisco da Silveira, o 1.º cavalleiro da ordem de Christo que veio a Diu (Rivára, Inscrip. de Diu — N.os 17 e 19).

(2) Em 3 de fevereiro de 1509. — Gaspar Corrêa, Lendas da India. Tom. I, part. II, pag. 937. — Foi, como se sabe, a vingança tomada pelo 1.º V. Rei da India, que no desastre de Chaul, em 1508, perdêra seu filho D. Lourenço. Pinheiro Chagas descreve, melhor do que ninguem, esse brilhante successo das nossas armas, romanlisando-o, na = «Joia do Vice-Rei» —, cap. XIV. A promessa jurada do pae: = «*pois quem o fragão comeu hade comer o gallo ou pagal-o*» = cumpria-se em frente de Diu um anno depois.

Vid. tambem Castanheda = «Hist. do Descob. da India». = L.º 2.º, cap. LXXX. Bulhão Pato — «Os Portug. na Ind. pag. 79, etc.

(3) Liv. cit. cap. C.

(4) Em 14 de fevereiro de 1537.

(5) J. de Barros — Da Asia, Dec. IV, liv. VIII, cap. V.

timos momentos encheram de pavôr todos os seus dominios n'estas paragens: — o Rei da Terra fôra, n'esse dia, o Martyr do Mar (1)—; quem sabe se logo depois fundeámos precisamente no ancoradouro onde tambem largaram ferro os galeões e as fustas que em 1546 transportaram para Diu os soccorros, que com D. João de Castro, vieram a descercar a famigerada fortaleza que nos fica já sobranceira.

Mas, sopitemos estas recordações, que tumultuariamente se alinham no papel, e voltemos ao aspecto actual da entrada do porto de Diu.

Próa á barra fica-nos pela amura de estibordo os calcinantes areáes de Gogolá (2) sobresahindo ao fundo, sobre as dunas esbranquiçadas que seguem pelo *N. E.* até á ponta de Novabandár (3), os arrendilhados e alvos

---

(1) = «*Sultan-ul-bár, Shahid-ul-bahr*».=Vid. «*Mirát-i-Sikandarí*», trad. por Sir Ed. Bayley, no seu importante e conscieucioso livro =«*The local Muhammadan Dynasties*» = a pag. 397 — E' a continuação da monumental obra de Sir H. Elliot — «*The History of India as told by its own historians*».— (8 vol.— London 1867–1877).

(2) Antiga *villa dos Rumes* (Kumópolis) de cujo baluarte foi 1.° capitão Francisco Pacheco, uomeado em fevereiro de 1538, por D. Nuno da Cunha, sendo — *juiz e recebedor d'alfandega da villa dos Rumes.*»— (G. Corr. Tom. III, part. II, pag. 838).

A rendição d'este baluarte, no começo do 1.° cêrco de Diu, é assumpto de emocionantes paginas de Pinheiro Chagas no seu livro «A Descoberta da India» (Vid. *O Baluarte de Diu*, a pag. 129). A prosopopéa que põe o actor na bocca de Antonio da Silveira é um d'esses exageros de linguagem que só se perdoam quando se conhece o effeito que d'ella quiz tirar o fecundo historiador portuguez. A comparação, entre a phrase historica, soldadesca e brutal, de Cambrone em Waterloo e a resposta do capitão de Diu a Soleimão Pachá, é forçada. (Vid. Hist. de Port. Tom. III, pag. 603 — nota).

Entre os devaneios gongoristas do biographo de D. João de Castro e a prosa viril do chronista das Lendas, dove haver um meio termo de que melhor se poderia ter apropriado a penna feiticeira do auctor da *Morgadinha de Val-flôr*.

(3) O portinho de Nawabandár, Newbandel ou Navibandár (designações anglo-vernaculares) pertence ao Estado de Junaghár e fica a 6

minaretes de Delvará (1). Pelo travéz de bombordo divisam-se as alterosas torres das egrejas de S. Thomé (2), de S. Paulo e de S. Francisco; a torre de Bimão ou das Appostas (3); outros edificios e monumentos da Praça de Diu, dando, ao longe, um aspecto de riqueza e magnificencia a contrastar com a pobreza real da terra.

Ao passar, porem, a vista da Praça para Gogolá, isto é da illta para o continente, depára-se com um ponto branco a destacar, isoládo, na extensa e baixa lingua de areia, que do porto se dirige ao longo da costa, para o *N. E.* Parece um marco trigonometrico, um signal geodesico (4) qualquer, emfim, attestando um passado recente a imprimir o cunho da civilisão européa a esta costa ainda hoje semi-barbara. Mas não é o que se suppõe á primeira vista.

Esse ponto branco e destacado na costa portugueza da peninsula do Kathiawár representa a ultima jazida de um official inglez fallecido ha pouco mais de 251 annos. Contem a unica inscripção ingleza existente no districto

---

milhas a leste de Diu. (Vid. Kathiawár — Vol. VIII da — «Gazetteer of Bombay Presidency» — 1884 — pag 465).

(1) A villa de Delwara ou Dilwará, pertencente ao districto administrativo de Unã *(parganah* do estado de Junaghár) fica a 9 kilometros de Gogolá, é murada e tem á entrada da porta principal duas altas torres, caiádas de branco, que se enxergam a grande distancia. Antigamente serviam de postos de vigia.

(2) Hoje o «Museu Archeologico» de Diu.

(3) Vid. N.os 8 e 12 d'esta revista, respectivamente a pag. 404 e 623.

(4) Quando os inglezes fizeram a grande e completa triangulação da Índia estabeleceram um posto provisorio em Gogolá e outro na Praça, que depois removeram. O signal permanente d'esta parte da costa foi construido na illia de Diu, no outeiro de «*Dáre*», perto da *horta* de Dangravary, em 1853, no governo do major de Estado Maior Correia de Lacerda, e a pedido do governo de Bombaim. Em 1870 voltaram os inglezes aqui a completar o trabalho de triangulação e verificar as coordenadas do posto, que ainda se conserva. (Vid. Rel.e de Diu, de 1900 — Pag. 6).

e d'ella se encontram transcripções em varios logares (1).

Vamos hoje occuparmo-nos d'essa inscripção lapidar n'esta revista, fornecendo esclarecimentos de algum interesse historico-archeologico, colligidos no decurso da preparação de um trabalho que temos entre mãos ha dois annos (2).

*
* *

Em 1900 escreviamos em um documento official (3): —«*Tumulo do capitão Wood* — Está situado em Gogolá e proximamente a meio caminho do nosso territorio até ao limite . . . . . e foi concertado em 1898, a pedido do agente politico inglez do Kathiawár».—

Effectivamente, n'esse anno era dirigido ao governo de Diu, por essa auctoridade ingleza (4), o coronel J. M. Hunter, um officio informando-o de que lhe constava existir em Gogolá uma sepultura de um official inglez, em mau estado de conservação (in bad repair) e pedia para ella ser concertada, ou por ordem do governo portuguez pagando o mesmo agente as despesas, ou permittindo-se-lhe enviar operarios seus até Gogolá. E isto porque o governo inglez desejava que os tumulos dos seus officiaes se conservassem bem tratados. O governador de Diu (1.° tenente da Armada Raphael Nunes) man-

(1) — Vid. «Inscripções de Diu» por C. Rivára, pag. 47. — «Diu» por J. Quadros, pag. 83. — «Relatorio do Governo de Diu», de 1899-1900, pelo auctor d'este artigo, a pag. 37. —

(2) — A historia documentada do Diu, do que fomos encarregados por portaria régia de 17 de out 1904. —

(3) Op. cit. pag. 35. —

(4) Os Estados nativos de Barodá e do Junaghár, limitrophes de Diu, correspondem-se com os governadores d'este districto por intermedio dos respectivos representantes politicos do governo inglez junto ás suas côrtes. O de Baroda tem a séde em Amreli e o de Junaghár em Rajkot. São em geral officiaes superiores do exercito inglez com o curso do *Indian Civil Service*.

dou concertar o referido jazigo, rebocando-o e caiando-o de branco, e assim o participou a essa auctoridade britannica, dizendo-lhe, certezmente, que nada havia a satisfazer, pois que se se tratasse de um official portuguez, sepultado em territorio inglez o procedimento das auctoridades inglezas seria identico.

O tumulo ainda se conserva tratado e estando sempre bem caiádo de branco avista-se do mar, a grande distancia (1) e isolâdo á beira da praia que fórma o isthmo de Gogolá, e o extremo *S.E.* da peninsula.

Descrevamos agora o local e a forma do funebre monumento.

Está situado fóra da povoação de Gogolá, a 800^{m} em linha recta da porta da povoação (do posto militar) e a 20^{m} da margem esquerda da estrada que projectamos em 1901 do desembarcadouro de Gogolá até ao limite portuguez. O terreno é arenoso, ha uma arvore um pouco ao *N.* e perto do tumulo dois poços de agua salobra. Um d'estes poços é de *Doby-vão,* e fica a 50^{m} para *W.*

O monumento compõe-se de trez parallelipipedos rectangulos sobrepostos e encimados por uma pyramide quadrangular. Os dois polyedros inferiores formam socalco ao terceiro, que é propriamente o tumulo. Tudo em pedra ordinaria de Diu, rebocada e caiada de branco.

---

(1) E' um bom ponto de referencia para a navegação; porém nas cartas inglezas do golpho de Cambaya, e nos planos do porto de Diu, que algumas d'essas cartas dão, é este tumulo tomado polo fórte de Gogolá. E' ongano sério, como já indicámos em o nosso cit. relatorio a pag. 45 (nota). No *croquis* do porto de Diu, appenso a esse trabalho (est. V.), estão indicados os dois enfiamentos da entrada da barra com qualquer das duas marcas. O fórte de Gogolá, não é caiado, fica entre arvoredo (macambeiras) e tem mastro de bandeira. O tumulo inglez fica isolado no areal, mais ao *N.* e é, como se disse caiado de branco. E' incomprehensivel o engano d'essas cartas collocando o fórte no local do tumulo, que por notavel coincidencia é de um official da marinha de guerra ingleza, como veremos n'este artigo.

O primeiro sólido tem as seguintes dimensões:

$$3,^{m}30 \times 2,^{m}50 \times 0,^{m}67$$

O segundo tem o volume:

$$3,^{m}30 \times 2,^{m}44 \times 0,^{m}35$$

O tumulo mede:

$$2,^{m}82 \times 1,^{m}93 \times 1,^{m}45.$$

Na face do tumulo voltada para o mar, isto é para o nascente, existe a pedra lapidar medindo $0,^{m}78 \times 1,^{m}30$, e com uma saliencia de $0,^{m}01$ da face.

A pyramide quadrangular que corôa o monumento é de base inferior á do tumulo e de altura proximamente egual á da metade d'este. Esqueceu-nos tomar estas ultimas dimensões quando estivemos em Gogolá, ha poucos dias, a examinar o monumento.

A inscripção tem na parte superior uma cabeça do anjo adejando entre ornatos e sobre um escudo brazonado. O brazão tem a forma de um escudo inglez terçado, tendo nos cantões, dextro e sinixtro do *chefe*, ancoras e no centro um leopardo. Sobre este escudo um capacete de gentil-homem de 3 raças (1). Encima o capacete uma corôa de Vidamo (2). A pedra da inscripção tem, como dissémos $1,^{m}30$ de altura. A parte superior, occupada pelas armas, tem $0,^{m}85$, e a inferior, contendo a inscripção tumular, tem $0,^{m}45$,

---

(1) — Vid. = «*Armorial Universel*», = par Jouffroy d'Eschavames (Paris 1854). = «*L'Art héraldique*», = par G. de Genouillac (Paris 1889).—

(2) — Titulo heriditario. Funcção revestindo o caracter de feudo. Significava na edade média o representante d'um bispado ou de uma abbadia, o seu defensor nato. Os *vidamos* (de *vice* e *dominus*) eram os verdadeiros representantes dos direitos e interesses temporaes d'essas jurisdicções ecclesiasticas.

A corôa dos vidamos (pois eram nobres laicáes) confunde-se um pouco com a dos marquezes, para quem não fôr lido nas subtilezas da heraldica. Em vez dos florões da corôa marquezal tem cruzes de Malta, que em trabalhos de esculptura em pedra se confundem muito facilmente com esses florões.

Na gravura que juntamos a seguir, copia de um desenho á vista, feito pelo habil amanuense da secção de obras publicas que aqui dirigimos, e na escala de $\frac{1}{10}$, se lê a inscripção lapidar do tumulo de Gogolá.

O brasão funebre de Gogolá parece referir-se a um nobre inglez

D'esta inscripção infere-se, pois, que se trata de um official superior (commander) da marinha de guerra ingleza, que commandou o *Welcome*.

Mas, que navio era o «*Welcome*» e porque aportou a estas aguas? São perguntas que nos teem dirigido varios funccionarios inglezes (1) nas suas visitas a Diu e ás quaes nada podiamos responder até aqui. Hoje diremos o que reza a memoria dos filho de Diu e o que nos conta a historia escripta. Isto combinado com os dizeres da lapida, parece-nos que resolverá o problema.

*

* *

Diz a tradicção local, e não sabemos como chegou até nós essa versão, que um navio inglez arribára a este porto para desembarcar o corpo do fallecido Wood e enterral-o em Gogolá, visto se não ter permittido o enterro de um protestante em qualquer das egrejas da Praça, aonde se faziam as inhumações dos christãos de Diu. Será possivel esta segunda parte, dada a intolerancia religiosa da epocha e não haver então cemiterio para

---

descendente de algum vidame, pela orientação do capacete (á direita) e ausencia de perolas na corôa. O marquez tem 6 perolas, tres entre cada florão lateral e o central; e o vidame não tem perolas na corôa.

Ainda não podemos apurar ao certo a genealogia do commander Wood, a quem se refere o tumulo de Gogolá, nas buscas que fizemos em Lisboa aonde escasseiam documentos d'esta ordem referentes a inglezes. Na obra que consultamos — *Universal Biography*», by J. Lempriere, New-York 1810— não se menciona familia Wood, que possa ser a do nosso official.—

(1) Quando Lord Curzon, o actual Vice-Rei da Ingleza, esteve em Diu, em novembro de 1901 (Vid. Rel. de Diu de 1901, pag. 49) interessou-se por esta inscripção. Podemos hoje responder ás perguntas que então nos fez o illustre estadista, ao manifestar-nos o seu agrado pelo cuidado que nos merecia já outão as reliquias do passado aqui, entre as quaes incluimos o tumulo do seu compatriota. — «*His dislike of any desecration of ancient and sacred places*» — é tambem modesta mas sinceramente compartilhado por nós, com benevolente apoio das estações superiores (Vid. n.° 1 d'esta revista, pag. 4 a 13). Como se sabe, Lord Curzon é um ferveroso apostolo da archeologia-historica (Vid. n.° 6 d'esta revista, pag. 314). —

os christãos em Diu (1); mas o que podemos hoje esclarecer é que o navio do commando de Wood não arribára a Diu por essa causa.

Em 1653 juntaram-se em Diu alguns navios de guerra inglezes para conjunctamente com os nossos darem caça aos corsarios e náus hollandezas, que então infestavam os mares da India para se assenhorearem do seu commercio e navegação. A lucta que havia mais de um seculo nós sustentavamos com os arabes e turcos era agora substituida pela pertinacia dos hollandezes em quererem ser, á força de audacia tambem, os nossos herdeiros n'estas paragens. A historia da India é fertil em narrações de lances terriveis em que a indomita valentia dos marinheiros portuguezes punha barreiras insuperaveis á cubiça dos hollandezes (2). O porto de Diu foi particularmente requestado por elles, como a seu tempo mostraremos (3).

---

(1) O 1.º cemiterio de Diu foi construido na antiga cerca do convento de S. João de Deus, pelo governador Abreu de Lima, tendo sido bento solemnemente em 1 de janeiro de 1842. A sua construcção foi ordenada pelo governador geral Barão do Candal em fins de 1839 e não tendo sido possivel comprir essa ordem, com os recursos do municipio de Diu, propoz o então governador d'esta Praça (Mello d'Eça) que se extinguisse a freguezia de S. Thomé (na Praça) e da sua fabrica se tirassem os fundos para a construcção do cemiterio, o que foi approvado pelo governo geral por portaria provincial n.º 837 de 6 de julho de 1840.

Ha, pois, equivoco no que affirma Rivára (op. cit. pag. 43) tendo a sua opinião sido perlilhada por J. Quadros na sua interessante monographia — «Diu» — a pag. 37. Em 1841 ainda não governava Diu Macedo e Couto, que tomou posse em 28 de outubro de 1842. Abreu de Lima sahiu de Diu, transferido para o governo de Moçambique, em 13 de julho de 1842.—

(2) Vid. Balsemão — *Os portuguezes no Oriente* — Tom. II, cap. V, X, XI, etc.

(3) Vid «*Instituto Vasco da Gama*», 1.º anno, pag. 136 e 163. Deo. de Bocarro, pag. 395; o tratado de pazes entre nós e o rei Mogôr (Jahanguir) para serem expulsos os hollandezes — «*do mar de Guzarathe* (sic) *dentro em tres mezes contados do dia que a elle chegassem*...». Assignado em 7 de junho de 1615. Vid. Rivára, op. cit. pag. 46 etc.

Os inglezes que tambem soffriam frequentes vexames dos corsarios hollandezes uniram-se-nos com o fim de os expulsarmos da India. D'essa acção combinada lavraram-se accordos de que não ha noticias nos archivos de Diu (até á altura por nós percorrida), e sobre o facto que nos prende agora em especial a attenção temos de nos soccorrer das pacientes e bem orientadas investigações que nos archivos de Lisboa e Evora fez Danvers, antes de publicar a sua bella obra (1) sobre a historia da nossa India.

No relatorio que este escriptor apresentou ao seu governo, em 1892, sobre a sua missão de estudo em Portugal, faz uma longa referencia aos navios inglezes que em 1653-1654 estiveram em Diu e que nos vae hoje servir de precioso auxiliar (2).

Diz Danvers que em dezembro de 1653 sahiram de Diu com destino a Gombroon (3) e por ordem do Presi-

(1) «*The Portuguese in India*» — by Frederick C. Danvers — 2 vol. London — 1894. — Vid. o resumo critico que d'este importante trabalho fez o snr. Ismael Gracias no seu «Relatorio», do anno economico de 1894 a 1895, relativo á Bibliotheca Publica de Nova Goa (Imprensa Nacional — 1895), a pag. 6.—

(2) «*Report on the Portuguese Records contained in the Archivo da Torre do Tombo etc*». Londres 1892. Pag. 61. Vid. tambem relatorio Bibliotheca de Goa, de 1893-94, de pag. 9 a 13.

(3) Refere-se ao antigo forte, e feitoria portugueza do *Comorão*, situado no estreito de Ormuz e tomado em 1614 por Abbas, Xah da Persia, d'onde veio a esse porto o nome de Bandar-Abbas, por corrupção da palavra persa *bender* em *bandár*. Vid. Bourguignon D'Anville «*Éclaircissement sur la carte de l'Inde*»: (Paris 1753, pag. 64): — «*C'est* (les établissements) *des Portugais qu'ils ont appelé Bandel, en adoptant le terme Persan Bender qui signifie port...*».

Vid. tambem o glossario de Burnell, edição de 1903, nos termos *bandel* e *bunder* (pag. 58 e 127).

Sobre a nossa posse do Comorão, vej. Bocarro. Dec. 13.ª da India pag. 345, 346, etc. —

Com respeito á etymologia da designação portugueza *Comorão* — são variadas as versões, das quaes citaremos duas. Derivar da palavra turca *gumruk*, alfandega, que effectivamente ahi tivemos logo que fundamos o fôrte (Vid. cit. Bocarro e outros chronistas), ou da palavra persa *Kamru*, que significa camarão, por isso que este porto era anti-

dente, em Conselho, de Surrate (1) os seguintes navios inglezes: «*Falcon*» de 26 canhões, «*Dove*» de 24 e «*Welcome*» de 32 canhões. Estes navios deviam ir trazer sob comboio o «*Endeavour*», que estava em Gombroon, e receberem ao mesmo tempo carga no Scinde (2) e Rajapor (3). No golpho persico encontrou-se esta força com 2 navios hollandezes, travando-se durante a noite um renhido combate entre as duas forças navaes, em que os hollandezes levaram a melhor, apezar da sua inferioridade numerica.

No dia seguinte ao combate as duas divisões entraram e fundearam no porto de Comorão, d'onde os navios inglezes sahiram, passados dois dias, para Sinde. abandonando o ancoradouro nas mãos do inimigo. Aqui, porem, vieram deparar com outros 5 navios hollandezes que suspenderam ferro e vieram ao encontro da divisão ingleza travando-se novo combate no dia 29 de janeiro de 1654.

Este combate foi largamente descripto pela feitoria ingleza de Surrate á Companhia das Indias e pelo famo-

---

gamente»... *a good place for catching Prawns and Shrimps, which they* (refere-se aos portuguezes) *call Camerong*» (1).

Esta ultima versão é de Alexandre Hamilton (captain), do I.° vol. pag. 93) da sua curiosa obra — «*A new account of the East India*» — (Londres 1744.). Iambem citada por Jule e Burnell.

(1) Surrate foi a primitiva capital dos estabelecimentos inglezes na India. Ahi fundaram elles a sua primeira feitoria em 1608, e só em 1687 passaram a séde do governo da Companhia das Indias para Bombaim. Ainda ha bem poucos annos manlinhamos em Surrate a nossa feitoria, á qual anda muito ligada a historia de Diu, como veremos.

Vej. a interessante descripção da ultima visita official feita a Surrate por um governador geral da India Portugueza no op. — «*Viagem de S. Ex.ª o Snr. Visconde de S. Januario ás Praças do Norte*» — por Gastão Mesnier. — Nova Goa 1871 — pag 14. —

(2) Scinde era o nome por que então se designava o porto de Karachy (o antigo Porus) e por extensão todo o fertil delta do Indus. A actual cidade de Karachy foi fundada em 1725. na divisão administrativa ingleza de Sinde, pertencente á presidencia de Bombaim.

(3) Rajapor (ou Rajapura em portuguez) é um porto na costa de Kutch (Cutch), ao *N* do golpho do mesmo nome, com o qual ainda se mantem o commercio de Diu.

so viajante francez Tavernier (1), sendo ambas as apreciações desfavoraveis aos marinheiros inglezes. Ao começo da lucta portou-se bem a «Welcome» fazendo soffrer muito á náu almirante inimiga; porém em seguida deixou-se ficar para sotavento e não mais entrou em fogo, tendo perdido só um homem e sem soffrer avarias de importancia a bordo. A «Falcon» foi abalroada e abordada pela náu almirante hollandeza e a sua guarnição portou-se cobardemente, abandonando o navio sem motivo plausivel e saltando precipitadamente nos escaleres de bordo. A «Dove» manteve-se em prudente afastamento, não concorrendo para sustentar o embate do inimigo, e não procurando sequer barlaventear. A «Endeavour», apezar de ser o peor navio da divisão, portou-se com bravura e o seu commandante preferiu afundal-o a render-se, tendo aguentado, só, o final do embate inimigo e sustentado, até á ultima phase do combate, a gallhardia do seu nome.

Como resultado d'esta acção naval ainda diremos que a «Welcome» e a «Dove» entraram em Surrate em 5 de fevereiro de 1654, e em 7 demandavam o mesmo porto duas náus hollandezas comboiando triumphantemente a «Falcon», com 80 prisioneiros inglezes, — «*to our no little dishonour*» (2), como se exprimiam os inglezes relatando estes acontecimentos.

*

* *

Com o que acabamos de escrever parece não restar duvida do que o tumulo de Gogolá encerra os ossos do

(1) Auctor da interessante obra de consulta —«Les six voyages en Turquie, en Perse et aux Indes» — 2 vol. Paris 1676. — Reeditada em Londres, em 1889. —

(2) Carta do Presidente, em Conselho de Surrate á companhia das Indias, de 28 de março de 1654.

Danvers põe em duvida a epocha exacta dos successos que vimos de narrar, marcando para elles os annos de 1653 ou 54. Mas duvida

official superior da marinha de guerra (¹) ingleza Mattew Wood, commandante da náu «*Welcome*», fallecido em Diu, quando a divisão ingleza de que fazia parte aqui se aprestava para se lançar em persiguição dos hollandezes.

A preferencia do porto de Diu para *rendez-vous* d'esta divisão naval explica-se pela necessidade que os inglezes então tinham d'um porto seguro o amigo n'esta costa. Em Surrate tinham a feitoria hollandeza a expiar-lhes os movimentos, e não possuiam ainda nenhum porto nacional em toda a costa que do golpho de Cambaya vae até ao golpho da Persia, para onde essa divisão se destinava. A alliança luso-ingleza foi, então, mais uma vez um facto real e não uma palavra decorativa.

O combate perto do Comorão deu-se em dezembro de 1653, o de Sinde em janeiro de 1654, a estada da «Welcome» em Diu foi anterior ao primeiro d'estes combates e n'essa occasião falleceu o seu commandante, como se deprehende da inscripção de Gogolá. que dá para o fallecimento a data de 19 de setembro de 1653.

Está, parece-nos, explicado o valor historico do *tumulo de Gogolá*, como aqui se chama a esse monumento funebre. Não representa só um signal de piedade christã erguido pelos compatriotas (?) do morto e mantido pelos portuguezes atravez das vicissitudes do tempo. Não. E' tambem um marco perduravel a attestar a velha alliança

---

alguma temos hoje de que o 1.º combate foi em 1653 e o 2.º em principios do anno immediato. A data.da carta anterior e a da inscripção de Gogolá corroboram a nossa licção.

(¹) Ou da marinha da Companhia das Indias? Ainda hoje, além dos navios propriamente da marinha de guerra, estacionam nas aguas do imperio visinho navios da Indian Marine, arvorando o pavilhão inglez da reserva naval e custeados pelo governo da India. Aos seus navios e officiaes (os commandantes são da marinha de guerra) chamam os inglezes — *Curry and rice men of war* —, como ha 14 annos ouvimos, em Aden, ao trocarmos uns cumprimentos officiaes do bordo da nossa canhoneira = «Diu.» — Marinha de arroz e caril, é sugestivo! E esta de que nos temos occupado pareco que era d'essa força. *Our no little dishonour;...* foram accrescentando os inglezes no relato dos combates do Comorão e do Sinde. —

dos descobridores do caminho maritimo para a India com os seus successores na posse do mais rico imperio oriental. Não terá magnificencia o tumulo; não está, porém, mais reclamada para a posteridade o nome de D. Fernando de Castro, esse sonhador e esbelto rapaz que tão bem representava a raça varonil portugueza no que ella tinha de altiva e generosa, de patriotica e valente. Nós ainda temos essa divida em aberto para com a memoria do moço e esforçado filho do austero D. João de Castro (*), e não constando pela Historia que o commander Wood fosse um precursor de Nelson, tem elle uma jazida bem mais que modesta, e muito superior á do nosso temerario e infeliz D. Fernando. Eis a differença que devemos salientar.

Fica, pois, respondida a pergunta: — «Quem era e como veio para Diu o commander Wood do navio Welcome?»—

Nas paginas d'esta revista fica archivado o que já sabemos a este respeito, até que posteriores indagações venham lançar mais luz sobre o assumpto, pois não o largamos de mão.

Diu, 4 de fevereiro de 1905.

J. Herculano de Moura.

(*) Sobre o monumento de D. Fernando vej., os relatorios do governo de Diu de 1896 (Pag. 18) e de 1899-900 (Pag. 36, Imprensa Nacional 1898 e 1901.

Temos em nosso poder a cópia de um bello projecto para um monumento em Diu a D. Fernando de Castro, devido a penna snr. general J. F. de Assa Castel-Branco. Por motivos varios se não realisou a erecção d'esse monumento que honrando o auctor, o qual tão bem se soube inspirar no motivo historico submettido ao seu intelligente e artistico arbitrio, perpetuaria condignamente o nome do valeroso defensor do baluarte de S. João.

(**Nota** *in fine*, **ao artigo, sobre a Inscripção ingleza de Diu**).—Depois de remettido este artigo para Goa, tivemos conhecimento de mais umas noticias respeitantes a elle. Aqui as damos em resumo.

Na recente edição das celebradas viagens de Tavernier (*Travels in*

India by J. Bapt. Tavernier. — Transl. by V. Ball, London 1889, 2 vol.*), que acabamos de receber, so descreve os combates navaes mencionados por Danvers; mas por forma diversa. No entanto, precisa o anno; ainda que marca para esses combates dias diversos tambem. A pag. 310, do Vol. I, diz Tavernier que em 2 de janeiro de 1654 chegaram a Surrate cinco grandes navios hollandezes vindos de Batavia. O almirante mandou sahir para Sinde trez dos seus navios menos carregados, em 4 de janeiro, e quatro dias depois sahiram para o mesmo destino os outros dois, em um dos quaes embarcou Tavernier. Em 12 chegaram estes a Diu, aonde se encontraram com os tres primeiros que ahi tinham chegado dois dias depois da partida das náus inglezas para a Persia. Reunido um conselho de guerra, a bordo do navio almirante, decidiu-se partir immediatamente ao encontro da esquadra inimiga, bombardeando primeiro a Praça; o que se fez, navegando na bordada do mar, e respondendo o Castello só com dois tiros.

Seguio a esquadra hollandeza para Sinde aonde chegou a 20. Em 2 de fevereiro, ao amanhecer, appareceram os navios inglezes e ás 9 horas travava-se rijo canhoneio entre as duas esquadras, seguido de abordagens.— Tavernier descreve este combate por forma diversa da versão ingleza que demos no artigo; porem se conclue que os inglezes portaram-se na realidade mal, rendendo um navio sem motivo plausivel e afundando outro por entre uma bachanal orgia dos seus tripulantes, que loucamente se apoderaram do precioso *Shiraz* (vinho da Persia muito apreciado pelos europeus e largamente consumido na India no seculo 17) não se importando mais com o navio.

Findo o combate voltaram os navios hollandezes para Sinde aonde não poderam chegar por causa do máu tempo ancorando 6 leguas a leste. Ahi ficaram até 20 de fevereiro, a cuidar dos feridos, seguindo então para esse porto aonde se demoraram até 28. Partiram depois para o Comorão aonde lançaram ferro em 7 de março de 1654.

Devemos advertir que não nos recordamos se na edição franceza das viagens de Tavernier (Pariz 1676) que consultamos em Lisboa, devido á penhorante amizade do Snr. Conselheiro Julio de Vilhena, vinha os nomes dos navios que entraram n'esta acção, parecendo-nos que a traducção ingleza que temos á vista dá em resumo esta descripção. Infelizmente não podemos cotejar agora as duas versões. Fica porém assente que Danvers marca o dia 29 de janeiro para este combate (segundo a corr. off. que consultou) e Tavernier (que tomou parte n'elle) marca-lhe a data de 2 de fevereiro, dizendo positivamente que esse facto se deu em 1654.

O bombardeamento de Diu pela esquadra hollandeza, n'esse mesmo anno, tambem é claramente mencionado pelo infatigavel viajante francez.

Diu, março de 1905.

H. de M

A INDIA EM 1623-1624

Excerptos das Memorias do viajante italiano Pietro Della Valle

(Conclusão da oitava carta e dos excerptos)

A 20 de maio chegou a Goa uma galé da esperada esquadra de Moçambique. Trouxe a bordo D. Nuno Alvares, general e supremo governador de toda a costa da Cafraria (1), e D. João da Rocha, jesuita, bispo eleito de Heliopolis (2), um dos que deviam partir para a Ethiopia; em outro barco era esperado o patriarcha nomeado para a mesma região, tambem jesuita, D. Affonso Luis dos Santos (3). Os recemvindos trouxeram noticias do misero desastre da náu *S. João*, que, dois annos antes, partira de Goa para Portugal, bem carregada, e que, encontrando durante a

(1) D. Nuno Alvares Pereira, da casa da Feira. Sendo governador de Ceylão fôra transferido para o governo de Moçambique por carta de 10 de março de 1618, levando contractado o commercio de Sofala e a exploração das minas de Chicova; mas, tendo sido baldados todos os seus esforços, pelas falsas informações de Diogo Simões Madeira, foi mandado recolher a Goa e voltou na monção de 1624. Militou na India desde 1605, quando o arcebispo-governador D. fr. Aleixo de Menezes o mandou por general da conquista de Monomotapa (1609), onde conseguiu a doação das terras de Chicova, com todas as suas minas de prata para a corôa de Portugal. Pela 3.ª vez foi nomeado capitão-mór da Africa Oriental em 1627. Morreu em Quelimane, com suspeitas de envenenamento, em 1630.

(2) Assim está, mas é Hierapolis.

(3) Alrás D. Affonso Mendes.

viagem os hollandezes, foi completamente desmantelada n'um combate, e arribou á costa da Cafraria, perdendo-se tudo, menos as joias e a gente que sobreviveu á lucta e a outros desastres. Constava que a essa gente offerecêra gasalho o soberano d'aquellas partes, que era amigo dos portuguezes, até poderem ir a Moçambique, assim como a aconselhára a jornadear por terras affastadas do interior, por onde experimentariam menos difficuldades de transito, e achariam povoações inermes e hospitaleiras. Não acceitaram a hospitalidade, nem o conselho. E seguiram pelo interior por entre povos barbaros e incultos, que comiam carne humana. D'essa temeridade resultou que fossem, durante a viagem, assaltados e roubados pelos cafres, mortos muitos. Das mulheres que iam, umas foram levadas captivas, outras abandonadas núas. Tantas e taes foram as inclemencias e os trabalhos soffridos durante oito mezes n'uma jornada a pé, que chegaram a Moçambique apenas 27 pessoas! Dos restantes, uns foram assassinados, outros morreram, outros emfim conduzidos captivos pelos cafres. Entre estes havia uma dona portugueza que os cafres levaram de presente ao seu rei. As joias mandadas de Goa, para serem vendidas em Portugal, salvaram-se quasi todas, e foram depositadas na Misericordia de Mocambique; dizia-se que seriam restituidas aos respectivos donos, ou entregues ao thesoureiro do Estado, que as reclamava como bens de naufragio; parecendo antes que se procederia pela primeira forma, pagando os donos alguma cousa aos que as salvaram

No dia 23 de maio, o italiano visitou o bispo Rocha no collegio de S. Paulo o Novo, e a 26, no convento da Graça, a fr. Manoel da Madre de Deus, seu conhecido na Persia e prior do convento de Spahan, chegado de Mascate a Goa no dia 25, a bordo d'uma chalupa, ha tempo esperada, e que se julgava perdida, tendo gasto sete mezes na viagem.

Fr. Manoel declarou ao italiano que vinha tratar dos negocios da sua Ordem e dos conventos da Persia, mas corria que viéra mandado pelo rei da Persia a fim tratar com o vice-rei acerca dos negocios de Ormuz. Deu-lhe outras noticias que já eram sabidas de Pietro Della Valle, sendo todas as cartas, de que fr. Manoel fôra portador, mui atrazadas.

A 27 de maio chegou de Moçambique a Mormugão um navio da armada de Portugal; não entrou o rio «por causa

da obstrucção da barra com o banco d'areia que se forma n'esta quadra e dura até setembro (1). Do porto de Mormugão vém agora as mercadorias pelo rio interior».

No dia 28, ás trindades, repicaram todos os sinos das egrejas da cidade, excepto dos jesuitas, annunciando a beatificação de dois frades dominicanos, noticia recebida pela nau que chegára na vespera.

---

(1) O que ainda hoje se dá. Referindo-se ao melhoramento da barra de Goa, escrevia ao ministro da marinha e ultramar, o governador geral, Macedo e Couto, em officio de 4 de março de 1875:

«Os ventos sudoéste e oessudoéste, que, desde meado de maio até fim de agosto e ás vezes de setembro, reinem na barra de Goa, enfiando o canal em opposição á corrente do rio Mandovy, então engrossada por copiosas chuvas, tornam o mar tão procelloso e cavado no canal, que faria tocar, ou arremessaria sobre os bancos lateraes qualquer navio que tentasse transpor o mesmo canal. O brigue de guerra *Africano*, commandante Joaquim Viegas d'Ó, passando o canal em 22 de junho de 1841, por encontrar o mar bonançoso, contraria a opinião de que o canal seja obstruido por areia durante o inverno; nem era provavel que elle se conservasse no mesmo estado desde epocas remotas, se fosse annualmente entulhado: com isto não quero duvidar que elle receba no inverno alguma areia removida, que seja levada depois pela corrente do rio Mandovy, quando esta não fôr demorada pela força do mar, logo que os ventos virarem ao noroéste em agosto ou setembro, como é costume.

«A barra de Goa tem dous canaes para entrar no rio Mandovy. O do norte, ou dos *escaleres*, em frente da ponta de Sinquerim, tem 4 a 5 pés de agua, é para pequenas embarcações, como o seu nome indica. O canal do sul, ou dos *navios*, mede duas amarras ou 550 a 600 jardas de largura, e admitte em setembro navios que demandem 20 pés inglezes de agua, e nos outros mezes navios que demandem 16 a 17 pés (carta maritima do capitão David Inverarity, de 1812, referida no roteiro de Horsbourgh). Vindo do mar no principio do canal do sul entre as restingas, encontra-se o banco da *barra*, que mais propriamente chamarei banco do canal do sul, meza de pedra que o capitão do porto Freitas tenteou e achou ser do comprimento de 50 a 60 braças, coberta com $1\frac{1}{2}$ a 2 pés de area e lodo, e 3 braças inglezas de agua no baixamar.

«Para alargar ou aprofundar o canal é necessario não só remover a areia, como cortar a rocha. Seria empreza que excederia os nossos meios, tanto em dinheiro como no pessoal a empregar; e um desengano maior que o das barras do Porto, e d'Aveiro, e do porto artificial da ilha de S. Miguel. E' um sacrificio que me parece dispensavel; porque durante o inverno de junho a agosto, os navios não demandam a costa de Goa por causa dos ventos de travessia; e se por ventura na altura d'ella se achassem, podiam entrar na proxima barra de Mormugão, sempre aberta e com bom fundeadouro, junto ao mórro em que está a praça do mesmo nome, durante a mesma estação; não assim nas outras estações, por estarem os navios expostos aos ventos de noroéste, que os fazem garrar e ir de encontro ao mórro da praça. (L.ª da correspondencia com a côrte, n.º 249).

A 29 chegou outro navio da armada de Portugal, e dois ou tres dias depois todos os navios. A bordo d'um veiu o já mencionado patriarcha da Ethiopia, para onde devia ir com dois bispos, um dos quaes falleceu na viagem (1), e muitos padres, a instancias do rei d'aquella região, que diziam professar o catholicismo.

A 2 de junho, o italiano fez parte da cavalgada que acompanhou André de Quadros, da casa de Gaspar de Mello, capitão da cidade, ao collegio dos jesuitas onde elle Quadros recebeu o grau de mestre em artes, isto é, em philosophia. Os padres da Companhia tinham por autoridade apostolica a jurisdicção de conferir na India esse grau e ainda o de doutor (2).

No dia 7 visitou no mesmo collegio o referido patriarcha da Ethiopia, que lhe disse conhecêl-o já de nome por um Pero Lopes, funccionario portuguez... Conversaram ambos acerca de varios assumptos.

A 24 de junho celebrou-se a festa a S. João Baptista com as costumadas corridas de cavallos e folias (3). Es-

---

(1) Os dois bispos eram D. João da Rocha de quem já se fallou, e D. Diogo Sêcco que falleceu na viagem.

(2) Modernamente se tem conferido no real seminario de Rachol o grau de bacharel em theologia, tendo-se realisado a primeira investidura em 8 de setembro de 1895, por virtude das letras apostolicas de 27 de maio de 1887, ás quaes se concedeu o beneplacito régio em portaria do ministerio da marinha e ultramar, de 15 de junho de 1894, que, por pouco divulgada, transcrevemos em seguida:

«Tendo sido presente a Sua Magestade El-Rei o officio do reverendo Arcebispo Primaz Patriarcha das Indias Orientaes, de 13 de dezembro ultimo, em que pede o régio beneplacito ás letras apostolicas *Quum venerabilis frater* do Santo Padre Leão XIII, datadas de 27 de maio de 1887, nas quaes, para perpetuar a memoria da concessão do titulo honorifico de «Patriarcha das Indias Orientaes» ao dito prelado e aos seus successores *pro tempore*, lhe é dada a faculdade de conferir o grau academico de bacharel em theologia a alguns clerigos do seminario archidiocesano, quando satisfaçam a determinadas condições, constantes das mesmas letras apostolicas: ha por bem o mesmo Augusto Senhor, pela secretaria d'estado dos negocios da marinha e ultramar, conceder o seu real beneplacito ás sobreditas letras apostolicas, com a declaração, porém, de que o alludido grau academico será unica e exclusivamente considerado como distincção honorifica para os effeitos espirituaes, não dando direito algum a quaesquer vantagens da ordem temporal, cuja concessão é regulada pelas leis do Estado ou pelas prerogativas do Padroeiro. Paço em 15 de janeiro de 1894 — *João Antonio de Brissac das Neves Ferreira*». (*Coll. da Leg. Nov. do Ultramar*, vol. XXII, pag. 27].

(3) Veja-se a pg. 235 de 1.º vol. d'esta Revista, onde se mencionou egual festa do anno antecedente. As corridas e folganças pelo S.

tando n'uma certa casa a vêr as corridas, encontrou ahi Luis de Mendonça (commandante da esquadra que fôra a

João foram sem duvida introduzidas da mãe-patria, sendo provavel que houvesse os descantes proprios da festa (Vide *Mil trovas*, DLXXI a DLXXIII, CMXI e CMLXXI,— as *Sanjoanneiras* do sr. Ramalho Ortigão,— e as *Cantigas Portuguezas* do sr. Cypriano Jardim no *Almanach Litterario* para 1904, do sr. Agostinho C. S. de Souza).

Em Goa era popularissima a festa de S. João Baptista, e celebrada geralmente com muitas folias e folganças: um dia *gôrdo* em familia, de cantar e dançar, de comer e beber, porque, como bem dizia Gil Vicente:

Na festa sem comer
Não ha'hi gaita temperada

ou, melhor, como dizia uma velha cantiga indo-portugueza, em linguagem macarronica, que resume as comezainas e merendas do S. João, da outras éras:

Toda festa se encerra
Na barriga, na barriga. (*a*)

Na vespera, era o *judeu* que fazia as alegrias do rapazio. Arranjava a rapaziada uma figura humana, de palha, que vestia de fato grotesco. Depois de se entreter com ella um bom bocado, despia-a, reduzia-a a fanicos e queimava-a com panchões etc. D'onde e de quando viria este *judeu*? Seria introduzido pelos frades para symbolisar a lei antiga, a que pôz termo o nascimento do precursor da nova lei?— ou a aversão do christão ao judeu, outr'ora tão mal visto em Portugal?

Outra usança era os saltos nos poços, que davam no dia da festa homens do povo, corôando-se da trepadeira de S João, e atirando primeiro um côco ou manga, que á porfia iam procurar ao fundo. Como pelo S. João os poços ficam repletos d'agua, não era raro haver com taes brincadeiras victimas a lamentar.

No dobar dos annos essas usanças têm ido acabando, e só resta em Pangim o costume de se queimarem panchões e foguetes a rôdo, desde a vespera até á noite de 24. Anno a anno vae crescendo a exhibição dos bonitos pyrothecnicos, havendo animação e alegria tanto em quem vende com usura, como em quem paga sem olhar a preços. Tambem costume antigo, porque já o vêmos prohibido pelo governador Veiga Cabral, por seu bando de 10 de junho de 1806 (*Boletim Official*, nº 51 de 1879, pg. 404) «pelo damno que se podia seguir ás náos e mais embarcações etc.». —

Um louvavel costume que ainda subsiste em algumas povoações ruraes, é o mandarem os bouços (associações de lavradores) celebrar no dia 24 missas resadas ou cantadas em louvor do santo, invocando o seu patrocinio a bem da cultura dos arrozaes de sorodio, que se semeam em junho.

(*a*) E' curiosa esta cantiga sob varios pontos de vista. Está publicada no *Ramalhetinho de hymnos e canções*, por Miguel Vicente d'Abreu, n.º 2, 1870, pg. 19, na qual falta ainda uma quadra final, que appareceu no *Heraldo*, diario d'esta capital, n.º 1.290 de 24 de junho do anno proximo findo.

Calecut) e Bento de Freitas Mascarenhas que, poucos annos antes, fôra levado captivo pelos piratas de Argel á Berberia, d'onde, tendo sido resgatado, regressou a sua terra, e bem acceito por El-Rei tornou á India com o cargo de commandante d'um galeão. Bento de Freitas contou-lhe as suas aventuras.

No dia 5 de agosto realisou-se a costumada festividade gentilica de Naroá (tirta), á qual Della Valle não quiz assistir, porque tinha de passar ao territorio dos mouros, que não estavam de bons termos com os portuguezes (1).

A 24 de agosto, dia de S. Bartholomeu, «certos funccionarios *ad hoc* nomeados, com outras pessoas principaes, encarregados da administração das terras e da agricultura, offereceram, conforme o costume annual, á sé, e em seguida ao vice-rei, as primicias dos seus fructos, isto é, arroz novo, que é a mais substancial producção de Goa». Disseram-lhe que tinham egualmente feito de palha de arroz uma figura de elephante (2).

---

(1) Veja-se a pg. 241 a 245 do 1.º vol. d'esta Revista, quando se mencionou egual festa de 1623.

(2) Trata-se da festa do benzimento da espiga nova em Taleigão, com o conhecido *addáo*. Tem origem no esp. XLV do Foral de 16 de setembro de 1516, que diz:

«XLV—A aldêa de Taleigão tem per preeminencia que hade ser a primeira que comece de segar o arroz; e os ganeares dolla hão de vir cada anne com hum feiche delle apresentalo ante o altar-mór da Sé, dahi hirá o Vigario com ellus á Feitoria, oede e nosso feitor terá quatro pardáos empregados em pachoris (*a*), e os lançará nos pescoços dos ganeares ordenado entre elles para receber esta honra, e dahi por diante poderão segar nas outras aldêas, segundo abaixo hirá declarado» (*b*).

«E' tradição antiga — escreve o desembargador Louzada nas suas *Memorias*, — que esta prerogativa provém do soccorro de mantimento prestado para a esquadra de Albuquerque, quando a primeira vez tomou Goa, estando por cosegulnte ainda a ilha na dominação do «sabaio». (*Annaes Maritimos e Coloniaes*, t. 3.º, pg. 437). Outros escriptores têm-n'o depois repetido, chegando a tradição a affirmar-se como facto historico! Filippe Nery Xavier manifestou algumas as suas duvidas sobre tal tradição, que para nós é mais que duvidosa, como esperamos demonstrar opportunamente.

O córte e benzimento da espiga em Taleigão faz-se no dia 21 de agosto; no dia 22 distribue-se o arroz pelas familias dos ganeares de 1.ª classe, que se achão constituidos em 9 vangores — Mesdonça, Viegas, Mendonça e Gonzaga, Martins, Luiz, Gomes, Faria, Almeida e Falcão; a 23 vae a oblata ao padroeiro da igreja, S. Miguel Archanjo,

---

(*a*) *Pachoris* eram «lotes de algodão que, em certas occasiões, se davam a varias aldêas por conta de fazenda publica».

(*b*) Não se encontra essa declaração.

A 27 de agosto chegou um galeão de Mascate, dos quatro que em abril tinham ido com provisões. Voltára por ordem do vice-rei, a fim de, sendo necessario, poder conduzir novos soccorros a Ruy Freire. Trouxe noticias de que Ormuz tinha sido novamente sitiada pelos capitães de Ruy Freire, isto é, por Miguel Pereira Borralho e por um outro que o fôra revezar; mas que, á data da partida de Mascate, Ruy Freire em pessoa iria com todos os seus homens, e navios de remos, em numero de 20 a 25, galés e barcos menores mouriscos, chamados *terradas*: pequeno preparativo, na verdade — pondera Della Valle — para tomar Ormuz.

Na madrugada de 2 de setembro, foi annunciada por todos os sinos de Goa a chegada da armada portugueza annual. Compunha-se de dois navios mercantes, menores e mais leves do que as carracas, que vieram em outros annos, d'um galeão carregado de mercadorias que tinha ordem para regressar com aquelles, não sendo necessario em Goa para a guerra, e de mais 5 galeões equipados para

---

o ao parocho; e, finalmente, no dia 24 é a offerta na sé, ao governador geral e ao arcebispo primaz. Todos estes actos festejavam-se com grande apparato e folias, que actualmente estão bastante limitadas. No vol. 2.º do seu livro *A India Portugueza*, deixou Lopes Mendes estampado o *addão* dos taleigoneases, que viu quando esteve em Goa.

Em todas as aldêas das Velhas Conquistas festeja-se o córte e benzimento da nova espiga, pertencendo este encargo ás communidades. Fundo vestigio da antiga alliança da agricultura com a religião. Em Salsete é a communidade da Raia que primeiro faz, tambem com grande solemnidade, esse córte e benzimento, a 5 de agosto, dia de Nossa Senhora das Neves, padroeira das egrejas da Raia e Raebol, ambas situadas na aldêa da Raia.

Um antigo livro de sermões em concani, impresso em Goa no anno de 1658, e intitulado *Jardim dos Pastores*, obra do padre Miguel de Almeida, da Companhia de Jesus, que foi reitor dos collegios de Rachol e de S. Paulo, contém uma *Pratica de novidade*, com o texto — *Primitias frugum terræ tuæ deferes in domum Domini tui*, Exodo, 23 — na qual se demonstra que «não perdemos o que a Deus offerecemos, antes nos toroa com ganho avantajado». (*A Imprensa em Goa nos seculos XVI, XVII e XVIII*, pg. 52). Quer-nos parecer que o padre Almeida tivesse feito essa pratica por occasião da novidade da Raia.

A' novidade da Raia segue pouco depois a de 12 outras aldêas, a 15 de agosto, dia da Assumpção de Nossa Senhora, conhecido por isso em Salsete pelo nome de *bargãochém-fest* = festa em 12 aldêas. Depois nas restantes até 24.

Em Bardez, entre 6 a 15 de agosto, acaba a primeira a communidade de Sirulá que celebra o benzimento na freguezia do Salvador do Mundo, uma das tres e meia em que a aldêa se divide.

a guerra, que deviam permanecer aqui com toda a tropa, que era numerosa e boa. Era capitão-mór da armada Nuno Alvares Botelho (1), e almirante João Pereira Côrte-Real, á diligencia dos quaes se attribuiu o terem chegado com brevidade, o que não succedia desde muitos annos, devido ás faltas e descuidos tanto dos pilotos, como dos negociantes, porquanto, cada qual, sem ordem, nem regra, nem respeito ás ordens dos generaes, queria ser o primeiro a chegar. Sobre este assumpto, Côrte-Real havia submettido a El-Rei uma exposição impressa, que Sua Magestade approvou e mandou observar estrictamente. D'ahi o bom exito da viagem.

A armada trouxe, entre outras noticias, a de ter sahido d'Hespanha o principe inglez, sem contrahir matrimonio, por não ter consentido o parlamento (2).

A 5 de setembro chegaram os tres restantes galeões de Mascate, que na viagem tivéram de sustentar uma lucta com um navio inglez. Trouxeram cartas informando que Mascate estava sendo inquietada pelas guerras com os visinhos arabes, os quaes, suppunha Della Valle, se teriam confederado com o rei da Persia, para desviar os portuguezes do cerco de Ormuz. Ormuz estava bem abastecida de homens e viveres; não obstante, os portuguezes esperavam tomal-a, se recebessem bons soccorros de Goa, especialmente dos galeões para combater os navios hollandezes que se aguardavam em auxilio dos Persas. Não havia noticia dos inglezes, em vista das ultimas negociações feitas na Hespanha.

No dia 29, um padre da Companhia foi sagrado, na egreja do Bom Jesus, arcebispo de Angamale ou da Serra (3).

A 21 de outubro publicou-se uma proclamação do vice-rei ao exercito, para as tropas irem receber os soldos a fim de seguir para Ormuz. Demorou bastante o apercebimento d'esta armada por falta de dinheiro, que o vice-rei foi muito diligente em levantar tanto dos negociantes, como

(1) Muito notavel na historia da India, onde serviu como capitão-general das armadas de alto bordo e deu numerosas provas de valor e de vastos conhecimentos da tactica militar. Fez parte do governo collectivo em 1629, e, n'um combate maritimo na costa de Malabar, morreu victima d'uma explosão em 5 de maio de 1630.

(2) Veja-se a pg. 232, not. 12) do 1.° vol., e a pg. 27 not. (1) do presente.

(3) D. Estevam de Brito, arcebispo de Cranganor. Falleceu com 17 annos de governo em 2 de dezembro de 1641.

dos gentios, que consentiram em pagar uma certa somma annual, ou ainda uma quantia maior, d'uma vez só, por licenças para a celebração dos seus casamentos em Goa, com os seus ritos, o que d'antes se lhes não permittia. Apezar de tudo isto, não se pôde despachar a armada com a desejada celeridade, e, no emtanto, constava que navios inglezes ou hollandezes infestavam, sem resistencia, os portos de Chaul, Baçaim e Dabul. Parecia, pois, que os negocios da India iam cada vez de mal a peior.

A 31, soube-se que o Idalxá tinha demittido e prendido o governador dos territorios limitrophes de Goa, o qual havia ultimamente dado muitos dissabores aos portuguezes; o que parecia uma satisfação do Idalxá a Portugal. Tambem constou que tinha dado esse governo a Chagia Riza ou Regeb, persa, ex-governador de Dabul, amigo dos portuguezes, que por isso esperavam agora melhor tratamento.

Na tarde do 1.º de novembro, a irmandade da Misericordia fez uma solemne procissão, de costume annual, indo com duas tumbas da sua propria egreja á de Nossa Senhora da Luz, a fim de recolher os ossos dos justiçados n'esse anno e sepultados ao pé dos patibulos. A irmandade costumava levar essas ossadas á egreja da Luz e depois á sua propria egreja, onde as fazia inhumar, com celebração de exequias solemnes (1).

---

(1) No compromisso da Misericordia de Goa, approvado por Alv. régio de 23 de fevereiro de 1633, estava determinada esta piedosa solemnidade, pela seguinte forma:

«Capitulo XXXII — *Do modo, com que se hão de ir buscar as ossadas dos que padecerão por justiça.*

«1 Dia de Todos os Santos acabada a missa do dia, mandará o mordomo da capella correr as insignias da irmandade, para que se ajuntem os irmãos, conforme a obrigação, que tem para irem buscar á força de N. Senhora da Luz as ossadas dos que padecerão por justiça, e com esta demonstração de piedade christã obrigarem aos mais fieis a se lembrarem dos defuntos, ainda que sejão tão desamparados, como estes parecem.

«2 Acabadas vesperas, sairá a irmandade com suas vestes pretas desta maneyra, diante irá o irmão official da vara com hum homem do azul tangendo a campainha, e logo se seguirá a bandeyra, a qual levará hum irmão nobre entre dous tocheyros, que levarão hum irmão nobre, e outro official; detrás da bandeyra irá toda a irmandade posta em procissão sem distincção alguma, nem precedencia de lugar; e pelo meyo irá o mordomo da vara nobre governando entre a irmandade, e lugar conveniente; irá a primeyra tumba levada pelos homens ordinarios com quatro tocheyros ás ilhargas levados tambem pelos homens,

Em 2 houve uma procissão solemne do Rosario, á tarde, e outra na manhã seguinte, ambas dos dominicanos, as quaes devendo realisar-se na primeira semana de outubro, haviam sido adiadas por causa das chuvas (1).

Constou que um barco pertencente aos subditos do Mogol, ao partir do porto de Diu para Jedda, tinha ali prestado fiança para pagar na volta os direitos devidos; importavam esses direitos em mais de 5 mil xerafins, mas as autoridades de Diu contentaram-se apenas com uma caução de 4 mil xerafins. Comtudo o barco, ao voltar, bem carregado, não quiz tocar Diu, cuidando pouco da caução dada, e ancorou nas aguas do Mogol, entre Diu e Cambaia. Sabendo isto, os portuguezes mandaram a armada de Diu, composta de pequenas embarcações de remos, para á força levar aquelle a Diu. Houve resistencia e lucta, e o

---

que com ellas andão nos enterramentos: diante desta tumba irá o mordomo dos presos official com uma vara na mão; depois desta primeira tumba entre a mesma irmandade espaço accommodado irá outra segunda tumba levada da mesma maneyra que a primeira, e diante della irá o mordomo dos presos com huma vara na mão.

«3 No couce da procissão irão os capellões da caza com suas sobrepellizes, e no remate delles o crucifixo, que levará o escrivão da meza acompanhado com oito tocheyros, que levarão oito irmãos, quatro nobres, e quatro officiaes; diante do crucifixo irá o provedor com sua vara na mão.

«4 Chegando a irmandade nesta ordem á forca de Nossa Senhora da Luz, recolherão as ossadas, que nella estiverem, nas duas tumbas, de que a sima se faz menção, e voltando a irmandade na mesma ordem, em que for, ficará o provedor no remate de toda ella, pondo-se diante do crucifixo, e os capellões se passarão logo para detrás do crucifixo, começando a encommendar os defuntos: e no ultimo lugar ficarão as duas tumbas com os dous mordomos dos presos, indo diante o mordomo nobre, e diante da segunda o official.

«5 Tanto que chegarem á igreja da Misericordia, se porão as duas tumbas no meio della, e se assentará o provedor com os irmãos da meza no seu lugar costumado, e os mais irmãos no lugar, que lhes couber, e haverá pregação, e acabada ella ficarão as tumbas na igreja da maneira que vierão, aquella noite, e pela manhã se passará a ossada a huma tumba ordinaria, e se enterrará em sagrado».

(1) Veja-se a pag. 246 do 1.º vol. d'esta Revista, quando se mencionou egual procissão do anno de 1623. A confraria de N Sr.ª do Rozario era composta dos naturaes de Goa (christãos da terra) e foi instituida no convento de S Domingos. Depois d'uma porfiada questão entre os dominicanos e a Misericordia (*Archivo Port.-Or.*, fasc. 1.º, 2.ª parte, doc. n.º 5 § XXII, e doc. n.º 6 § XII), a confraria do Rosario obteve, por carta régia de 25 de março de 1617, o privilegio de usar as mesmas vestes e fazer os mesmos actos, que a confraria do SS.mo Sacramento (*Documentos remettidos da India*, t. IV, pg. 190).

barco foi apresado, mas vasio, porquanto os mouros tiveram tempo para o descarregar. Era provavel que, por este facto, houvesse qualquer attrito entre o Mogol e os portuguezes.

Em 4 sahiu para Cochim a armada da collecta para obter provisões; transportou o novo arcebispo da Serra, o padre André Palmeiro, visitador dos jesuitas, que foi visitar a sua provincia, e o padre Laercio Alberto, italiano, com outros padres que ultimamente tinham chegado da Europa, para irem áquella missão.

No mesmo dia chegou uma almadia de Chaul, com noticias de terem chegado ali dois navios, um de Mascate e outro de Bassorá,— que ambos estes contavam que Ormuz estava em grandes apertos por causa do cerco, tanto que muitos soldados mouros tinham passado a Ruy Freire, — que o cerco continuava favoravel aos portuguezes, e teria bom exito, se chegassem os soccorros de Goa que Ruy Freire esperava. Em Bassorá tudo estava em socego.

Aqui termina a oitava e ultima carta de Pietro Della Valle.

Addendum — A pg. 183, do 1.º volume d'esta Revista.

No artigo *Les mathématiques en Portugal,* do sr. Rodolpho Guimarães, publicado n'*O Instituto,* de Coimbra, n.º 8, correspondente ao mez de agosto ultimo, lêmos o seguinte :

«Sous les Philippes on remarque des savants que cultivèrent les mathématiques avec plus d'intelligence et de soin qu'il n'y avait à attendre de la décadence où l'on trouvait. Nous devons mettre au premier plan ceux qui se livrèrent aux études théoriques et pratiques de la nautique. A cette classe appartient sans doute Christovão Borro, jésuite, professeur de mathématiques à Lisbonne, où il publia un ouvrage d'astronomie. Il a fait aussi des études sur les variations de l'aiguille magnétique, ayant navigué jusqu'à l'Inde, pour connaître les variations que l'aiguille éprouvait au passage des divers méridiens, ce qui lui permit de dresser une carte pour servir aux navigations futures. La méthode suivie consista à determiner et à noter la situation du méridien où l'on se trouvait, et la variation magnétique de l'aiguille. Dressant ensuite une mappe-

monde, il y traçait des lignes sinueuses d'un pôle à l'autre, réprésentatives des lieux géometriques, qu'on nomme aujourd'hui *isogones*, et autrefois connues sous le nom de *Tratus Chalyboclyticus*, d'égale valeur de la variation d'après les observations. Au moyen de ces lignes il supposait qu'on connaitrait la longitude et la situation des navires; de sorte qu'il suffisait de prendre la hauteur et de connaitre la variation magnétique du lieu, pour avoir aussitôt la longitude, problème que préoccupait les navigateurs de cette époque. Telle fut l'invention que Christovão Borro présenta devant la cour de Madrid, pour obtenir le prix de 50 mille cruzades, mais ce prix ne lui fut pas décerné, car son invention fut jugée peu sûre, et à quelque temps de là réfutée par Valentin Estancel, jésuite, astronome allemand, résidant en Portugal, dans son discours sur la navigation de l'est à l'ouest.

.....

«Pedro de Moura, qui passa pour très-connaisseur en astronomie nautique, parcourut tout l'océan atlantique dans le but d'essayer pratiquement la doctrine de Christovão Borro».

Larousse menciona tambem o jesuita Christovam Borro, nascido em Milão, e fallecido em 1632, um dos primeiros que penetraram na Cochinchina. onde esteve 5 annos, e autor d'uma interessante *Rélation*, publicada em Roma no anno de 1631, e traduzida em francez pelo padre A. de La Croix. Ensinou as mathematicas em Coimbra e em Lisboa. Diz-se que descobrira um meio de fixar as longitudes pela declinação da agulha magnetica. Foi expulso da Companhia por causas que ficaram desconhecidas, e entrou em seguida na ordem cisterciense. Ha tambem d'elle uma obra intitulada *Doctrina de tribus cœlis: aereo, sidereo et empyreo,* e publicada em Lisboa no anno de 1641.

Todas estas indicações completam a identificação do «padre Christovom Boro ou Brono, milanez, grande mathematico», que Della Valle encontrou em Goa, na casa professa do Bom-Jesus, em abril de 1623, e de que fez menção na segunda carta, com o jesuita a que se refere Larousse e o sr. Rodolfo Guimarães.

J. A. Ismael Gracias.

Breve noticia da origem e divulgação dos estudos superiores em Goa, por methodos europeus e em lingua portugueza

Quando lente da antiga Escola Mathematica e Militar, colligi, nas minhas horas vagas, algumas notas dos registos existentes nos archivos d'aquelle estabelecimento.

D'essas notas fiquei sabendo que em Portugal se tratou da divulgação da instrucção publica na India, por meio da lingua portugueza e processos europeus, em 1733, fazendo passar para aqui, em successivas *monções*, abalisados Sacerdotes e officiaes militares, e promulgando regulamentos para os Collegios e Seminarios de Goa, como se vê das cartas dos Secretarios d'Estado, Mendonça Furtado e Mello e Castro, aos vice-reis da Asia portugueza.

D'ahi me veio o desejo de conhecer os nomes dos *primeiros homens* que estudaram em Goa as mathematicas puras e as applicadas á marinha e artilheria, e quaes d'esses nomos se conservam ainda aqui, transmittidos por herança genealogica.

E' a seguinte a historia que aprendi do estudo d'esses registos:

A provisão do conselho ultramarino, de 10 de janeiro de 1733, mandou pôr em execução em Goa, o decreto de 24 de dezembro de 1732, que creou no reino varias academias militares.

Mas foi só passados alguns annos que se abriu, em 1759, uma aula de *navegação*, dirigida, até 1775, pelo chefe d'esquadra, José Sanches de Brito.

O governador e capitão general D. Pedro da Camara, por determinação regia, estabeleceu, em 1776, uma aula de *artilheria*, que começou a funccionar sob a direcção do coronel João Baptista Vieira Godinho.

Em 17 de maio de 1784 o capitão general, D Frederico Guilherme de Sousa, deu uma nova organisação á *aula de navegação*, criada em 1759, e a denominou *aula de marinha*.

Essa aula, de caracter mais regular e estavel que as anteriores, funccionou por mais de trinta annos, habilitando pilotos e officiaes de marinha, que prestaram bons serviços na manutenção da soberania de Portugal n'estas paragens.

Na mesma aula eram professores e examinadores alguns officiaes da marinha do reino em commissão na India, ou transferidos da Armada de Portugal para a Real Marinha de Goa, e tambem alguns officiaes d'esta Real Marinha, nascidos na India de paes europeus, aqui estabelecidos, e habilitados nas escolas, *quasi ambulantes*, — anteriores á aula *de navegação* criada em 1759, — que se leccionavam a bordo d'algum vaso de guerra, ou quartel militar.

Além d'um examinador, eram nomeados dois vogaes do jury de exame, denominados *assistentes*, que o vice-rei escolhia dentro os officiaes do mar ou de terra, habilitados com bons cursos no reino, ou já aprovados, tanto uns como outros, em aulas anteriores ás quaes acabamos de chamar *quasi ambulantes*.

A defesa e necessidade de reparação das fortalezas, que se iam modelando segundo as novas exigencias da arte de guerra, determinaram a criação de uma aula de mathematicas applicadas á architectura militar, que, de facto, se organisou em 1812, sendo dirigida pelos lentes Francisco Augusto de Barbuda Monteiro Cabral e João Baptista Alves Porto, ambos majores de engenheiros, vindos de Lisbôa, na *monção* de 1807.

O inclyto vice-rei conde do Rio Pardo, comprehendendo que essas aulas de marinha, de artilheria e de architectura militar, leccionadas separadamente, sem connexão umas com as outras, seriam menos proficuas, as reuniu todas e d'ellas constituiu a *Academia militar de Goa*, conferindo-lhe os necessarios estatutos, em 26 de julho de 1817 e addicionando-lhe, em 1820, uma cadeira de desenho militar.

O destincto official da marinha portugueza, José Joaquim Lopes do Lima, quando Governador da India, reconhecendo a vantagem de dar á mocidade do paiz, cuja illustração se achava já bastante adiantada, mais variado e substancial ensino do que aquelle que até então poderiam ministrar as aulas especialmente distinadas a habilitar officiaes de mar e terra, transformou, por portaria de 18 de agosto de 1841, a academia existente em *Escola mathematica e militar de Goa*, ampliando os estudos com a introducção dos calculos diferencial e integral e das variações, da mechanica analytica, lidas pelos compendios de Mr. L. B. Francoeur, assim como das cadeiras de desenho com applicação ás artes e construcções civis.

Posteriormente, o benemerito Governador Conde de Torres Novas, no intuito de afeiçoar a instrucção publica ás indicações do progresso d'esta terra, fez addicionar á *Escola mathematica* as cadeiras de physica, chimica e introducção á historia natural, de construcções civis e de topographia e geodesia.

Juntamente com o exercito da India, foi extincto aquelle estabolecimento de instrucção, por um dos decretos de 11 de novembro de 1871, e substituido pelo «Instituto Profissional de Nova Goa», que, depois de vinte annos de existencia, foi transformado no actual Lyceu, que ora funcciona com ligeiras modificações do decreto da sua criação, promulgado em 31 de outubro de 1892.

A pedra fundamental para o primeiro instituto de semelhante natureza foi lançada pelo governador J. J. Lopes de Lima e, dose a treze an-

nos mais tarde, em 1854, o Governador Visconde do Villa Nova d'Ourém lhe deu uma organisação mais ampliada e assim surcessivamente, mas que não satisfaziam senão ás exigencias do paiz, até que se chegou á organisação dada ao actual Lyceu, equiparando-o aos Lyceus do reino.

Muito de proposito disse que aquellas antigas aulas e academias importavam a devulgação de estudos superiores por meio da *lingua portugueza e methodos europeus*, por quanto semelhantes estudos já se achavam bem divulgados, muito antes, na India, pelas linguas vernaculas e methodos indigenas, em escolas especiaes, onde se ensinava o «Dharma Shastra» e em numerosos «Sangatares», ou collegios espalhados pela vastissima peninsula industanica, desde o cabo Comorim, até a cordilheira dos Hymalaias; tanto assim que, ainda alguns seculos depois, quando a «*East India Company*» recebeu Bengala das mãos do imperador de Delhi, os inglezes trataram unicamente, a principio, de manter as instituições sustentados pelos antigos dominantes, despendendo as verbas já destinadas para os estabelecimentos d'instrucção; e fizeram consistir as primeiras ampliações no estabelecimento de um Collegio mahometano e outro sanserito, modellados ambos pelos velhos typos. O conhecimento da lingua ingleza se tornou tambem indispensavel á vida dos nativos, nos centros do governo, e a instrucção ingleza se foi fazendo cada vez mais obrigatoria nas outras cidades da Presidencia, depois que o persiano deixou de ser a lingua official. Comtudo, a educação popular pelas linguas vernarulas continuava a ser largamente deffundida pelo governo, e não foi sem lucta que o velho systema cedeu o logar ao novo. Duron muitos annos a controversia entre os anglicistas e os orientalistas ácerca do caracter que se dovia dar ás escolas e collegios custeados pelo governo. Susteotavam os primeiros que toda a instrucção, algum tanto elevada, se devia ministrar por meio da lingua ingleza e em conformidade com as ideas modernas; e eram os outros de opinião que, não merecendo o titulo de sciencias profundas o que como tal se ensinava então, deveria manter-se o estudo dos classicos orientaes pelos methodos e processos puramente indigenas.

Todavia, ambos os partidos queriam o estudo nas linguas vernaculas. Entre os orientalistas se contavam muitos e distinctos funccionarios publicos e a sua opinião prevaleceu por algum tempo no conselho de instrucção publica; mas a minoria foi-se tornando, a pouco e pouco, mais poderosa; e, quando, em 1835, as forças dos dois partidos estavam quasi equilibradas, appareceu a famosa *minuta de Macaulay*, que estava á testa dos anglicistas, a que seguiu immediatamente uma resolução do governo geral, declarando-se abertamente pela educação ingleza contra a oriental.

A resolução foi no seguinte sentido. «Com quanto a lingua ingleza devesse ser o *medium* para a divulgação da litteratura, philosophia e sciencias da Europa, as instituições orientaes o instrucção vernacula então existentes seriam conservadas em pleno vigor e teriam o mesmo apoio como se fossem instituições inglezas».

E não é para admirar que as nações europeas tenham encontrado na India tão vulgarisada a instrucção publica, em linguas vernaculas e pe-

los methodos indigenas, com aulas superiores, especiaes e collegios, sendo as escolas primarias espalhadas por quasi todas as aldéas, pois que a actividade da raça ariana ou indo-sanscrita, que ainda forma os dois terços da população de toda a India, — o que equivale a nada menos de 200 milhões de habitantes,— foi tão prodigiosa nos dias da sua juventude, que chegou a criar um alphabeto regular na epoca em que outros povos, que se suppunham adiantadissimos em civilisação, serviam-se de hyeroglyphos e signaes symbolicos para a transmissão de seus pensamentos; teve Prophetas e Cantores religiosos por uma serie de gerações, a mais recente das quaes precedeu os tempos de Linus e Orpheu; as suas bellas epopéas anteciparam pelo menos quatro seculos ás de Homero; vigorava, desde as margens do Ganges até aos confins do Deccan, a legislação de Manú, quando alguns dos seus esparsos fragmentos foram parar á Creta e á Phrygia sob a denominação de *leis de manes*, ou de *minos*. Em summa, eram já professadas nas suas escolas, muito antes de Pytagoras, Zenon e Democrito, as doutrinas philosophicas que deram celebridade áquelles luminares da Grecia. E quando a espada de Alexandre veio levantar para a Europa uma ponta do veo do antigo Oriente, a India aparecia velha ás jovens sociedades do Occidente!

Quanto aos nossos marciaes lidadores,—uma vez lançadas nas plagas Indianas,— aquelles homens tinham de obedecer á vontade da côrte de Lisbôa, que lhes era transmittida, de tempos em tempos, pelas demoradas *náos de viagem*, e á tenaz opposição, que, passo a passo, lhes antepunham os dominantes das terras do Oriente, cuja posse ambicionada pelos nossos, era, palmo a palmo, disputada por quem d'ellas auferiam incalculaveis lucros.

Consequentemente, e arrastados pela corrente irresistivel do pensamento dominante do seculo XVI, só cuidaram, durante muitos annos, na gloria das descobertas e das conquistas.

Com tão arduo batalhar, andaram os portuguezes, não só nas epocas em que o nosso dominio havia chegado ao seu apogéo, mas ainda, e talvez mais, nos tempos desastrosos em que teve começo a nossa decadencia.

Depois da grande lucta com os hollandezes, que, libertados da tyrania da Hospanha, nos vieram tomar as melhores possessões, taes como Amboyna, Ceylão, Nagapatam, etc.; depois da fusão das duas companhias Orientaes inglezas n'uma unica, auctorisada a alistar tropas para a defesa dos seus estabelecimentos commerciaes, em 1702; depois que os marathas passaram do zenith da prosperidade a que os elevou a batalha de Udghir; para o nadir, onde foram lançados depois da quarta batalha do Panipat, — ainda os portuguezes se tinham do haver, ao longo da costa occidental, com os temiveis piratas Sidi de Jingirá e Tulagy Angriá, de Viziadrug, e, finalmente, com as correrias dos famigerados *Bounsulés* de Manory, que muito nos incommodavam nas frontoiras.

Compellidos a trazerem sempre os marrões accesos, tanto no mar como em terra, os nossos guerreiros não podiam, pois, n'aquelles tempos, curar do derramamento da instrucção pelo paiz.

Verdade é que outros soldados, não menos corajosos que os primeiros, cuja missão era toda de paz e não de guerra, marchando por caminhos igualmente escabrosos, mas sempre parallelos aos d'aquelles, em

vez de empunharem a espada, desfraldaram nas planicies da India a candida bandeira symbolisada pela cruz, ensinando á multidão, que sabiam attrahir, a sacrosanta doutrina de Christo, e lançando, pela vez primeira, no fecundo solo que arroteavam, a boa semente da civilisação européa.

Esses soldados de Christo, pela propria natureza pacifica da sua missão, conquistaram, dentro em pouco tempo, dilatado campo d'onde colheram abundante messe; tanto que, trinta annos depois da tomada de Goa, pelo grande Affonso d'Albuquerque, foi fundado na velha cidade, em 1541, por iniciativa do vedor da fazenda, Fernão Rodrigo de Castello Branco, o primeiro Seminario da *Santa Fé*, denominado posteriormente *Collegio de S. Paulo*, que chegou a ter mais de tres mil estudantes, destacando-se n'aquella epoca, entre os robustos operarios da civilisação européa no Oriente, os venerandos vultos do padre-mestre Diogo de Borba e de S. Francisco Xavier.

Em muitos outros collegios, — como o de *S. Roque*, do *Populo*, de *S. Thomaz d'Aquino*, de *S. Boaventura*, do *Bom Jesus*, do *Pilar*, de *Chorão*, de Rachol, fundados uns após outros, padres portuguezes, italianos e alguns indigenas ensinaram, além das primeiras lettras, a geometria, a philosophia e a theologia. D'esses Collegios todos, só resta o que hoje se denomina «Real seminario de Rachol».

Foi assim que se implantou na nossa India a instrucção superior e primaria, ensinada por meio da lingua portugueza e methodos europeus, sendo de notar que, no seu inicio, era ministrada por mestres tirados das duas cohortes de lidadores-marciaes e religiosos; pois, como se vê d'esta noticia, durante os primeiros seculos, os professores eram officiaes de mar e de terra e frades missionarios, ou das diversas Congregações.

Servindo-me das notas por mim colligidas, compuz os mappas que vão juntos a esta noticia. Nos primeiros relacionei os alumnos que completaram cursos, ou licaram approvados nas doutrinas que se ensinavam na *aula de marinha*, fundada em 1784, na qual ficaram fundidas as anteriores aulas de navegação; e nos seguintes aquelles que obtiveram cursos e approvações nas diversas doutrinas de *academia militar*, criada em 1817, onde se reuniram e se ampliaram as materias que eram ensinadas nas aulas de artilheria, de mathematicas applicadas á architectura militar e outras congeneres anteriores.

Foi n'essas aulas, de marinha e academia militar, e nas que as precederam que labutaram, como consta das mappas juntos, os *primeiros homens* que ensinaram e cursaram estudos superiores na nossa India, pela lingua portugueza e methodos europeus.

E foram estes mesmos homens e alguns outros portuguezes aqui estabelecidos em varias epocas e seus descendentes que, sempre fieis aos seus soberanos, e dando conforto, obedientes, aos vice-reis, mantiveram n'estas paragens, durante quasi tres seculos, o dominio, o prestigio e o brilho da nação.

Nova Goa, 4 de dezembro de 1904.

João de Mello de Sampayo.

Breve noticia dos individuos, que ficaram approvados desde 1784 até 1815 na aula de Marinha, organisada em 17 de maio de 1784 pelo capitão general D. Frederico Guilherme de Souza

Postos e officios	Nomes	Datas em que ficaram approvados			Datas em que lhes foram conferidas as suas cartas de habilitação	Nomes e patriotico dos examinadores			Observações e nomes dos primeiros individuos d'aquelle appellido que vieram á India
		Na 1.ª parte Arithmetica, noções de algebra, geometria e trigonometria espherica e astronomia nautica	Na 2.ª parte Trigonometria espherica e astronomia nautica	Ultima parte Pilotagem		Na 1.ª parte do curso	Na 2.ª parte do curso	Na ultima parte	
Guarda marinha	Manoel Ignacio Rancoza	27-9-1784	12-1-785	25-4-785	25-4-785	Lente, José Joaquim de Vasconcellos. Major d'art., José Alves da Somma. Cap. grd. d'artilheria, Raymundo Antonio Rodrigues Ferreira.	José Joaquim de Vasconcellos. José Alves da Sousa. João Baptista Verquain.	José Joaquim de Vasconcellos. João Baptista Verquain. Diogo de Costa de Athayde Teive.	Domingos Antunes Rancoze, coronel — Veio á India em 17[illegible]
Idem	José Maria Guansão	27-9-1784	12-11-786	12-11-786	Na 1.ª parte 10-11-785 2.ª e 3.ª 12-11-786	Idem.	José Joaquim da Vasconcellos, esp. tenente. José Joaquim de Souza, cap. tenente. João Baptista Verquain, tenente da mar.	José Joaquim de Vasconcellos, esp. tenente. José Joaquim de Souza, cap. tenente. João Baptista Verquain, tenente da mar.	Foi o unico que veio.
Idem	José Maria de Lemos	–	12-1-785	25-4-785	25-4-785	–	José Joaquim de Vasconcellos. José Alves da Sousa. João Baptista Verquain.	José Joaquim de Vasconcellos. José Alves da Sousa. João Baptista Verquain.	Bernardo Alexa da Lemos, Tanadar-mór das Ilhas de Goa — Veio á India em 17[illegible]
Idem	José da Costa de Athayde Teive	–	12-1-785	25-4-785	25-4-785	–	Idem	Idem	Irmão da Costa de Athayde Teive — Veio á India em 1751.
Idem	Manoel da Costa Campos	–	12-1-785	25-4-785	25-4-785	–	Idem	José Joaquim de Vasconcellos. José Alves de Sousa. João Baptista Verquain.	Valentim da Costa Campos, capitão de mar e guerra — Veio á India em 1748.
Praticante	Mathias Custodio Gonsalves	–	12-1-785	25-4-785	25-4-785	–	Idem	Idem	–
Tenente de mar	Francisco de Paula da Costa Campos	10-11-785	12-11-786	12-11-786	Da 1.ª parte 10-11-785 12-11-786	José Joaquim de Vasconcellos, cap. tenente, José Joaquim de Sousa. João Baptista Verquain.	José Joaquim de Vasconcellos, esp. tenente. José Joaquim de Sousa, cap. tenente. João Baptista Verquain, tenente de mar.	José Joaquim de Vasconcellos, esp. tenente. José Joaquim de Souza, cap. tenente. João Baptista Verquain, tenente de mar.	Valentim da Costa Campos, capitão de mar e guerra — Veio á India em 1748.
Praticante de n.°	Manoel do Rozario	10-11-785	12-11-786	12-11-786	Da 1.ª parte 10-11-785 12-11-786	Idem	Idem	Idem	–
Praticante de piloto	João Francisco de Sousa	10-11-785	12-11-786	12-11-786	1.ª parte 10-11-785 12-11-786	José Joaquim de Vasconcellos, cap. tenente. Cap. tenente, José Joaquim de Sousa. João Baptista Verquain.	José Joaquim de Vasconcellos. José Alves de Sousa. João Baptista Verquain.	José Joaquim de Vasconcellos, esp. tenente. José Joaquim de Souza, esp. tenente. João Baptista Verquain, tenente de mar.	–
Tenente de mar	Diogo da Costa de Athayde Teive	21-11-785	12-11-786	12-11-786	1.ª parte 21-11-785 2.ª e 3.ª 12-11-786	Idem.	José Joaquim de Vasconcellos. José Alves de Sousa. João Baptista Verquain.	Idem	Tambem um novo corso exigido em 1787 voltou tarimenoie em que deu provas de applicação. Francisco de Costa de Athayde Teive, capitão de mar e guerra — Veio á India em 1751.
Idem	Victorico Freire da Cunha Guansão	21-11-785	–	8-11-788	1.ª parte 2.ª 21-11-785 3.ª 11-11-788	Idem.	–	José Joaquim da Vasconcellos. João Baptista Verquain. Diogo da Costa de Athayde Teive.	Francisco Alexandre da Cunha Guansão a Sei[illegible]xas — Veio á India em 1749.
Guarda marinha	João Vicente Soares de Veiga	14-5-786	–	7-11-787	1.ª parte 12-11-787	Idem.	–	Cap. tenente, José Joaquim de Vasconcellos. Tenente do mar, João Baptista Verquain. Idem, Diogo da Costa de Athayde Teive.	João Soares da Veiga — Veio á India em 17[illegible]
Tenente de mar	José Manoel da Moniarry	13-11-786	–	–	1.ª parte 13-11-786	Idem.	–	–	Ella proprio foi o primeiro que veio á India.
Guarda marinha	Manoel da Costa de Athayde Teive	13-11-786	–	7-11-787	1.ª parte 13-11-786 3.ª parte 12-11-787	Idem.	–	Cap. tenente, José Joaquim de Vasconcellos. João Baptista Verquain, tenente de mar. Diogo da Costa de Athayde Teive, tenente de mar.	Francisco da Costa de Athayde Teive, capitão de mar e guerra — Veio á India em 1751.

Breve noticia dos individuos que ficaram approvados, desde 1784 até 1815 na aula de Marinha, organisada em 17 de maio de 1784 pelo capitão general D. Frederico Guilherme de Souza

Postos	Nomes	Datas em que fizeram approvações			Datas em que lhes foram conferidas as suas cartas de habilitação	Nomes e patentes dos examinadores			Observações e nomes dos primeiros individuos do mesmo appellido que vieram á India
		Na 1.ª parte	Na 2.ª parte	Na ultima parte		Na 1.ª parte do curso	Na 2.ª parte do curso	Na ultima parte	
		Arithmetica, noções de algebra, geometria e trigonometria rectilinea	Trigonometria espherica e astronomia nautica	Pilotagem					
Guarda marinha	D. Antonio D'essa	13-11-1786	–	7-11-1787	1.ª parte 12-11-1786 3.ª parte 12-11-1787	Idem	–	–	Foi elle proprio o primeiro que veio á India. Não deixou descendencia.
Praticante de Pilota	Benjamim Rodrigues de Sant'Ana	13-11-1786 8-11-787	–	–	Idem 12-11-787	João Baptista Verquain, e José Joaquim de Sousa. Diogo da Costa de Athayde Teive	–	–	–
Idem	Joaquim Manoel Nunes	13-11-1786 8-11-787	–	–	Idem 12-11-787	Idem	–	–	–
Tenente do mar	João Vicente Rancoza	7-11-787	–	8-11-788	1.ª parte 12-11-787 3.ª parte 11-11-788	José Joaquim de Vasconcellos, cap. tenente. João Baptista Verquain, tenente do mar. Diogo da Costa de Athayde Teive, tenente do mar.	–	José Joaquim Vasconcellos. João Baptista Verquain. Diogo da Costa de Athayde Teive.	Domingos Antunes Rancoza, coronel — Veio á India em 175 ..
Idem	João Lopes Cardoso	7-11-788	–	29-10-789	1.ª parte 10-11788 3.ª parte 1-11-189	Idem	–	Idem.	–
Idem	José Joaquim Xavier Vallasco	7-11-788	–	29-10-789	1.ª parte 10-11-788 3.ª parte 1-11-789	Idem	–	Idem	Foi elle proprio o primeiro que veio á India. Não deixou descendencia.
Guarda marinha	José Dionisio Carneiro de Souza e Faro	7-11-788	–	–	1.ª parte 10-11-788	Idem	–	–	Bernardo Carneiro de Sousa e Faro — Veio á India em 1707.
Idem	D. Lourenço de Noronha	7-11-788	–	29-10-789	1.ª parte 10-11-788 3.ª parte 1-11-789	Idem	–	José Joaquim de Vasconcellos. João Baptista Verquain. Diogo da Costa de Athayde Teive	D. Lourenço de Noronha — mestre de campo de Terço auxiliar de Goa — Veio á India em 1720.
Tenente de infanteria	Florencio José de Moraes Sarmento.	7-11-788	–	12-11-790	1.ª parte 10-11-788 3.ª parte 17-11-790	Idem	–	João Baptista Verquain, cap. tenente. Diogo da Costa de Athayde Teive. José da Costa de Athayde Teive.	João Antonio de Moraes Sarmento — Veio á India em 1766.
Voluntario, tenente de infanteria	Luiz Manoel da Vasconcellos	7-11-788	–	–	1.ª parte 10-11-788	Idem	–	–	Foi elle o primeiro.
Voluntario ensaiste	Vicente da Costa de Athayde Teive	7-11-788 29-10-789	–	12-11-790	1.ª parte 10-11-788 3.ª parte 17-11-796	Idem	–	João Baptista Verquain. Diogo da Costa de Athayde Teive. José da Costa de Athayde Teive.	Francisco da Costa de Athayde e Teive, capitão de mar e guerra — Veio á India em 1751.
1.º Praticante	Manoel José Viana	8-11-788	–	29-10-789	1.ª parte 10-11-788 3.ª parte 1-11-789	José Joaquim de Vasconcellos, cap. tenente. João Baptista Verquain, tenente de mar. Diogo da Costa de Athayde Teive.	–	José Joaquim de Vasconcellos, cap. tenente. João Baptista Verquain, tenente de mar. Diogo da Costa de Athayde Teive, tenente de mar.	–
2.º Praticante	João Ignacio Lopes	8-11-788	–	–	1.ª parte 10-11-788	Idem	–	–	–
Praticante	Domingos Pedro Luiz Raagel	8-11-788	–	–	–	Idem	–	–	–
Voluntario	Joaquim Manoel Corrêa da Silva e Gama	29-10-789	–	18-10-790	1.ª parte 1-11-789 3.ª parte 17-11-790	Idem	–	João Baptista Verquain, cap. tenente. Diogo da Costa de Athayde Teive, cap. tenente. Jose da Costa de Ithayde Teive, tenente de mar.	Manoel Corrêa — Veio á India em 17...
Praticante	José Sebastião	29-10-789	–	12-11-790	1.ª parte 1-11-789 3.ª parte 17-11-790	Idem	–	Idem	–

Breve noticia dos individuos, que ficaram approvados desde 1784 até 1835 na aula de Marinha, organisada em 17 de maio de 1784 pelo capitão general D. Frederico Guilherme de Souza

Postos e officios	Nomes	Datas em que ficaram approvados			Datas em que lhes foram conferidas as suas cartas de habilitação	Nomes e patentes dos examinadores			Observações e nomes dos principaes individuos d'aquelle appellido que vieram á India
		Na 1.ª parte	Na 2.ª parte	Ultima parte		Na 1.ª parte do curso	Na 2.ª parte do curso	Na ultima parte	
		Arithmetica, noções de algebra, geometria e trigonometria rectilinea	Trigonometria espherica e astronomia nautica	Pilotagem					
Capitão de infantaria da praça de Damão	José Leite de Souza	21-10-792	–	15-11-793	1.ª parte 23-10-792 3.ª parte 18-6-795	Cap. de mar e guerra, João Baptista Verquain. Cap. tenente, José da Costa de Athayde Teive. Cap. de mar e guerra, José Joaquim de Souza.	–	Cap. de mar e guerra, João Baptista Verquain. Cap. tenente, José da Costa de Athayde Teive. Cap. de mar e guerra, José Joaquim de Souza.	Xavier Leite de Souza, governador de Assero e Damão. Veio á India em 1709.
Tenente de infantaria do 1.º regimento	Joaquim Xavier Henriques	21-10-792	–	15-11-793	1.ª parte 23-10-792 3.ª parte 18-6-795	Idem.	–	Idem	Henrique Carlos Henriques. Veio á India em 17..
Cadete voluntario	Diogo de Mendonça Corte Real	21-10-792	–	–	1.ª parte 23-10-792 3.ª parte 17-10-795	Idem.	–	Cap. de mar e guerra, José da Costa de Athayde Teive. Joaquim Bernardino Biancardy. José Joaquim de Souza.	Antonio de Mendonça Côrte Real, cap. de mar e guerra. Veio á India em 17..
2.º Praticante de piste	Manoel Xavier Affeme	21-10-792	–	16-10-795	1.ª parte 23-10-792	Idem.	–	–	–
Voluntario	Ignacio José Antonio Saramago	21-10-792	–	15-11-793	1.ª parte 23-10-792	Idem.	–	Cap. de mar e guerra, João Baptiste Verquain. Cap. tenente, José da Costa de Athayde Teive. Cap. de mar e guerra, José Joaquim de Souza.	Foi o unico que veio á India.
Tenente do mar	Miguel Carlos Lobato	14-10-795	–	16-6-1800	1.ª parte 17-10-795 3.ª parte 25-6-1800	Cap. de mar e guerra, José da Costa de Athayde Teive. Cap. tenente, Joaquim Bernardino Biancardy. Cap. de mar e guerra, José Joaquim de Souza.	–	José da Costa de Athayde Teive. Mauricio da Costa Campos. Joaquim Bernardino Biancardy.	Manuel Lobato de Faria. Veio á India em 1694
Guarda marinha	Ignacio José Ribeiro da Costa	14-10-795	–	17-11-798	1.ª parte 17-10-795 3.ª parte 20-11-798	Idem.	–	José da Costa de Athayde Teive. Joaquim Bernardino Biancardy. Mauricio da Costa Campos.	Foi o unico que veio.
Idem	João Antonio de Mello Sotto Maior Telles	14-10-795	–	16-10-795	1.ª parte 17-10-795 3.ª parte 17-10-795	Idem.	–	Cap. de mar e guerra, José da Costa de Athayde Teive. Joaquim Bernardino Biancardy. José Joaquim de Souza.	João Manoel de Mello. Veio em 1731.
Praticante de piloto	Manoel Antonio Xavier Pereira	14-10-795	–	17-11-798	1.ª parte 17-10-795 3.ª parte 20-11-798	Idem.	–	Idem, com Mauricio da Costa Campos em substituição de Souza.	–
Idem	Manoel Lopes	14-10-795	–	–	1.ª parte 17-10-795	Idem.	–	–	–
Idem	Francisco de Silva Coutinho	14-10-795	–	–	1.ª parte 17-10-795	Idem.	–	–	–
Idem	João Vicente Baptista	14-10-795	–	18-6-1800	1.ª parte 17-10-795 3.ª parte 25-6-1800	Idem.	–	José da Costa de Athayde Teive. Mauricio da Costa Campoe. Joaquim Bernardino Biancardy.	–
Guarda marinha	José Maria Corrêa de Silva e Gama	10-11-796	–	17-11-798	1.ª parte 31-8-798 3.ª parte 20-11-798	Cap. de mar e guerra, José da Costa de Athayde Teive. Cap. tenente, Joaquim Bernardino Biancardy. Cap. tenente, Mauricio da Costa Campos.	–	Cap. de mar e guerra, José da Costa de Athayde Teive. Cap. tenente, Joaquim Bernardino Biancardy. Cap. tenente, Mauricio da Costa Campos.	Manoel Corrêa. Veio á India em 17..
Idem	José Manoel Pereira Garoez	15 11-796	–	17-11-798	1.ª parte 31-8-798 3.ª parte 20-11-798	Idem.	–	Idem.	Alberto Pereira Garoez. Veio á India em 1754

Breve noticia dos individuos, que ficaram approvados desde 1784 até 1815 na aula de Marinha, organisada em 17 de maio de 1784 pelo capitão general D. Frederico Guilherme de Souza

Postos e officios	Nomes	Data em que foram approvados			Datas em que lhes foram conferidas as suas cartas de habilitação	Nomes e patentes dos examinadores			Observações e nomes dos primeiros individuos d'aquelle apparelho que vieram á India
		Na 1.ª parte	Na 2.ª parte	ultima parte		Na 1.ª parte do curso	Na 2.ª parte do curso	Na ultima parte	
		Arithmetica, noções de algebra, geometria e trigonometria rectilinea	Trigonometria espherica e astronomia nautica	Pilotagem					
2.º Praticante de pilotos	Caetano José Mendes.....	20-10-790	–	1-10-792	3.ª parte 2-10-792	João Baptista Verquain, rap. tenente. José da Costa de Athayde Teive tenente do mar. Diogo da Costa de Athayde Teive, cap. tenente.	–	Cap. de mar e guerra João Baptista Verquain. Cap. tenente José da Costa de Athayde Teive. Cap. de mar e guerra José Joaquim de Souza.	–
Tenente do mar	José Maria Sarmento.....	12-11-790	–	1-10-792	1.ª parte 16-11-790 3.ª parte 2-10-792	Idem.	–	Cap. de mar e guerra, João Baptista Verquain. Cap. tenente, José da Costa de Athayde Teive. Cap. do mar e guerra, José Joaquim de Souza.	–
Guarda marinha	Joaquim Mourão Garcez Palha	12-11-790	–	18-10-791	1.ª parte 16-11-790 3.ª parte 21-10-791	Idem.	–	Cap. tenente, João Baptista Verquain. Tenente do mar, Joaquim Bernardino Bianoardy. José da Costa de Athayde Teive.	Candido José Mourão Garcez Palha, chefe d'esquadra da marinha Real de Goa; veio á India em 1769.
Idem	Francisco Xavier da Costa de Athayde Teive.....	12-11-790	–	1-10-792	1.ª parte 16-11-790 3.ª parte 2-10-792	Idem.	–	Cap. de mar e guerra, João Baptista Verquain. Cap. tenente, José da Costa de Athayde Teive. Cap. do mar e guerra, José Joaquim de Souza.	Francisco da Costa de Athayde Teive, cap. do mar e guerra da marinha Real de Goa; veio á India em 1751.
Voluntario	Francisco Antonio da Costa de Athayde Teive.....	12-11-790	–	15-11-793	1.ª parte 16-11-790 3.ª parte 17-10-795	Idem.	–	José da Costa de Athayde Teive, Joaquim Bernardino Bianoardy. José Joaquim de Souza.	Francisco da Costa de Athayde Teive, supra.
Tenente do mar	Hermenegildo da Costa Campos	15-5-791	–	–	–	João Baptista Verquain. José da Costa de Athayde Teive	–	–	Foi examinado na 1.ª parte por portaria do governo de 14-5-791 — Sendo — Sendo apto para ouvir as lições da ultima parte. Valentim da Costa Campos, cap. de mar e guerra da marinha de Goa: veio á India em 1748.
Idem	Ricardo Pereira Pinto	18-10-781	–	1-10-792	1.ª parte 21-10-791 3.ª parte 2-10-792	Cap. tenente João Baptista Verquain. Tenente do mar Joaquim Bernardino Bianoardy. José da Costa de Athayde Teive tenente do mar.	–	Cap de mar e guerra, João Baptista Vercaio. Cap. tenente, José da Costa de Athayde Teive. Cap. de mar e guerra, José Joaquim da Souza.	Francisco Pereira Pinto, natural de Lisboa. Veio á India (Bacaim) em 165. .
Guarda marinha	José Maria do Pinho Monteiro	18-10-791	–	–	1.ª parte 21-10-791	Idem	–	–	Foi o primeiro e unico que veio á India.
Voluntario ondeste	Antonio José de Mello Sotto Maior Telles.....	18-10-791	–	15-11-793	1.ª parte 21-10-791 3.ª parte 18-6-795	Idem	–	Cap. de mar e guerra, João Baptista Verquain. Cap. tenente, José da Costa de Athayde Teive. (a) Cap. de mar e guerra, José Joaquim de Souza.	João Manuel de Mello; veio á India em 1731.
Idem	D. José de Noronha.....	18-10-791	–	16-10-795	1.ª parte 21-10-791 3.ª parte 17-10-795	Idem	–	José da Costa de Athayde Teive, Joaquim Bernardino Bianoardy. José Joaquim de Souza.	D. Lourenço de Noronha, Mestre de campo do terço auxiliar de Goa. Veio á India em 1720.
Idem	Caetano Manoel Pereira Garces	18-10-791	–	16-11-793	1.ª parte 21-10-791 3.ª parte 18-6-795	Idem	–	Cap. de mar e guerra, João Baptista Verquain. (a) Cap. tenente, José da Costa de Athayde Teive. Cap. de mar e guerra, José Joaquim de Souza.	Alberto Pereira Garces. Veio á India em 1784
1.º Praticante de pilotos	Francisco Antonio Coelho Bellem	18-10-791	–	–	1.ª parte 21-10-791	Idem	–	–	Antonio Coelho Bellem; veio á India em 17..
Guarda marinha	José da Silva Pimentel Maldonado ..	21-10-791	–	15-11-793	1.ª parte 23-6-792 3.ª parte 18-6-795	Cap. de mar e guerra João Baptista Verquain. Cap. tenente José da Costa de Athayde Teive. Cap. de mar e guerra José Joaquim de Souza.	–	Cap. de mar e guerra, João Baptista Verquain. Cap. tenente, José da Costa de Athayde Teive. Cap. de mar e guerra, José Joaquim de Souza.	Foi elle o primeiro que veio.

Breve noticia dos individuos, que ficaram approvados desde 1784 até 1813 na aula de Marinha, organisada em 17 de maio de 1784 pelo capitão general D. Frederico Guilherme de Souza

Postos e officios	Nomes	Datas em que ficaram approvados			Datas em que lhes foram conferidas as suas cartas de habilitação	Nomes e patentes dos examinadores			Observações e nomes dos primeiros individuos d'aquelle appellido que vieram á India
		Na 1.ª parte	Na 2.ª parte	Ultima parte		Na 1.ª parte do curso	Na 2.ª parte do curso	Na ultima parte	
		Arithmetica, algebra de algebra, geometria e trigonometria rectilinea	Trigonometria espherica e astronomia nautica	Pilotagem					
Praticante	José Manoel de Souza	23-10-1807	–	–	1.ª parte 1-11-1807	José da Costa de Athayde Teive, Cap. de fragata, Mauricio da Costa Campos. Cap. de mar e guerra, D. Lourenço de Noronha.	–	–	
Idem	Ignacio Caetano José Vaz	24-10-1807	–	20-11-1809	1.ª parte 1-11-1807 3.ª parte 7-12-1809	Idem.	–	José da Costa de Athayde Teive. D. Lourenço de Noronha. Mauricio da Costa Campos.	
Voluntario	Remigio Archanjo de Costa	24-10-1807	–	24-10-1808	1.ª parte 30-10-1807 3.ª parte 13-11-1808	Idem.	–	José da Costa de Athayde Teive. D. Lourenço de Noronha. Mauricio da Costa Athayde Teive.	
Idem	Antonio Vicente da Fonseca	24-10-1807	–	24-10-1808	1.ª parte 30-10-1807 3.ª parte 13-11-1808	Idem.	–	Idem.	
Idem	Benjamim Caetano Gonsalves	24-10-1807	–	20-11-1809	1.ª parte 30-10-1807 3.ª parte 7-12-1809	Idem.	–	José da Costa de Athayde Teive. D. Lourenço de Noronha. Mauricio da Costa Campos.	
Capitão tenente	José Antonio Dinis d'Ayalla	1-6-1808	–	–	1.ª parte 16-6-1808	José da Costa de Athayde Teive Cap. de mar e guerra, D. Lourenço de Noronha. (Mauricio da Costa Campos).	–	–	
2.º Praticante	Francisco Victorino Correa	25-10-1808	13-1-1812	–	1.ª parte 31-11-1808 2.ª parte 2-1-1812	José da Costa Athayde Teive. D. Lourenço de Noronha, Cap. de mar e guerra. Manoel do Costa Athayde Teive, cap. de fragata.	Chefe de divisão, José da Costa de Athayde Teive. Cap. de fragata, Mauricio da Costa Campos. Cap. de fragata, Manoel da Costa de Athayde Teive.	–	
Voluntario	José Manoel de Rocha	25-10-1808	–	20-11-1809	1.ª parte 31-11-1808 3.ª parte 7-12-1809	Idem.	–	José da Costa de Athayde Teive. D Lourenço de Noronha. Mauricio da Costa Campos.	
2.º Tenente do mar	João de Mello de Sampayo	20-11-1809	–	–	1.ª parte 6-12-1809	Chefe de divisão, José da Costa de Athayde Teive. Cap. de mar e guerra, D. Lourenço de Noronha. Cap. de fragata, Mauricio da Costa Campos.	–	–	Francisco José de Mello de Sampayo. Falleceu em 1680 e está sepultado na Egreja de S. Francisco d'Assis, tendo vindo á India alguns annos antes. Era filho de Telesão de Mello de Sampayo, que não sahiu de Portugal.
Voluntario	Caetano Xavier de Noronha	20-11-1809	13-1-1812	–	1.ª parte 6-12-1809 2.ª parte 20-1-1812	Idem.	Chefe de divisão, José da Costa de Athayde Teive. Cap. de fragata, Mauricio da Costa Campos. Cap. de fragata, Manoel da Costa de Athayde Teive.	–	
Idem	Antonio Sebastião Pinto	20-11-1809	13-1-1812	–	1.ª parte 8-2-1809 2.ª parte 20-1-1812	Idem.	Idem	–	
Idem	Pedro José Francisco de Cunha	0-11-1809	–	–	1.ª parte 6-12-1809	Idem.	–	–	
Idem	Antonio João de Sousa	20-11-1809	–	–	1.ª parte 6-12-1809	Idem.	–	–	
Idem	Isac Michael d'Abreu	20-11-1809	–	–	1.ª parte 6-12-1809	Idem.	–	–	
Idem	Antonio Xavier Rangel	20-11-1809	–	–	1.ª parte 6-12-1809	Idem.	–	–	

Breve noticia dos individuos, que ficaram approvados desde 1784 até 1815 na aula de Marinha, organisada em 17 de maio de 1784 pelo capitão general D. Frederico Guilherme de Souza

Postos e officios	Nomes	Datas em que ficaram approvados: Na 1.ª parte — Arithmetica, noções de algebra, geometria e trigonometria rectilinea	Na 2.ª parte — Trigonometria esphericas e astronomia nautica	Ultima parte — Pilotagem	Datas em que lhes foram conferidas as suas cartas de habilitação	Nomes e patentes dos examinadores: Na 1.ª parte do curso	Na 2.ª parte do curso	Na ultima parte	Observações e nomes dos primeiros individuos d'aquelle appellido que vieram á India
Guarda marinha	Manoel Joaquim Soares da Veiga....	8-1-1812	13-1-1812	–	1.ª parte 17-1-1812 2.ª parte 17-1-1712	José da Costa d'Athayde Teive. Cap. de fragata, Mauricio da Costa Campos. Manoel da Costa de Athayde Teive.	José da Costa de Athayde Teive. Mauricio da Costa Campos. Manoel da Costa de Athayde Teive.	–	João Soares da Veiga. Veio á India em 17..
Voluntario cadêto	Camillo Vicente Pereira.....	8-1-1812	–	–	1.ª parte 20-1-1812	Idem.	–	–	
Praticante	Diogo da Costa Fernandes	8-1-1812	–	–	1.ª parte 17-1-1812	Chefe da divisão, José da Costa de Athayde Teive. Cap. de fragata, Mauricio da Costa Campos. Cap. de fragata, Manoel da Costa de Athayde Teive.	–	–	
Voluntario	Victorino Jeremias de Nazareth	8-1-1812	4-11-1812 Da segunda a ultima parte	–	1.ª parte 17-12-1812 2.ª parte 9-11-1812	Idem.	José da Costa de Athayde Teive. Cap. de fragata, Mauricio da Costa Campos. Cap. de mar e guerra, D. Lourenço de Noronha.	–	
Idem	Vicente Manoel Candido de Souza ...	10-1-1812	Idem	–	1.ª parte 17-1-1812 2.ª parte 9-11-1812	Idem.	Idem	–	
Idem	José Bento de Noronha	10-1-1812	4-11-1812	–	1.ª parte 17-1-1812 9-11-1812	Idem.	Idem	–	
Idem	Camillo Francisco Ribeiro	10-1-1812	–	–	1.ª parte 20-1-1812	Idem.	–	–	
Guarda marinha	José Joaquim Soares da Veiga	4-11-1812	13-11-1814	–	1.ª parte 9-11-1812 2.ª parte 15-12-1819	Idem menos Manoel da Costa de Athayde Teive. D. Lourenço de Noronha.	Cap. de mar e guerra, D. Lourenço de Noronha. Cap. de mar e guerra, João Vicente Rancoza e um assistente.	–	João Soares da Veiga. Veio á India em 17..
1.º Tenente do mar	Luiz Diogo Pinto de Mello de Sampayo	13-12-1814	–	–	1.ª parte 15-12-1814	Cap. de mar e guerra, D. Lourenço de Noronha. Cap. de mar e guerra, João Vicente Rancoza e um substituto.	–	–	Francisco José de Mello de Sampayo, fallecido em Goa e sepultado na Egreja do convento de S. Francisco d'Assis em 1580. O mesmo do mappa anterior.
2.º tenente do mar	Bernardo Carneiro de Souza e Faro .	13-12-1814	–	–	1.ª parte 15-12-1814	Idem.	–	–	Bernardo Carneiro de Souza e Faro, pae de José Bizarrio Carneiro de Souza e Faro. Veio á India em 1707.
Idem	Fernando Luiz Leite de Souza e Noronha.....	13-12-1814	–	–	1.ª parte 15-12-1814	Idem.	–	–	Xavier Leite de Souza e Noronha, governador de Assero e Damão. Veio á India em 1709.
2.º Piloto	José Caetano Malho	30-10-1814	–	–	1.ª parte 30-10-1815	D. Lourenço de Noronha. Cap. de fragata Joaquim Monrão Garcez Palha e sargento mór de artigenharia João Baptista Alves Porto.	–	–	
Tenente do mar da Armada Real	Joaquim Carlos de Mourão Pinheiro..	–	–	–	–	Por requerimento dirigido ao governador e capitão general d'este Estado foi determinado que se registassem as certidões dos exames feitos na academia de Lisboa.	Frequentou o 3.º anno, observando os estatutos da mesma academia, de 1786.	–	Foi o primeiro que veio á India e não consta ter deixado descendencia.

Nova Goa, 11 de dezembro de 1904.

João de Mello de Sampayo.

N. B. — No mappa retro, correspondendo ao nome D. José Maria de Castro, e á casa das observações, se deverá lêr:— D. Filippe de Castro, Castellão de Dîn. Quarto avô do actual Conde de Nova Goa. Veio á India em 1615.

Breve noticia dos individuos que ficaram approvados, desde 1784 até 1845 na aula de Marinha, organisada em 17 de maio de 1784 pelo capitão general D. Frederico Guilherme de Souza

Postos e officios	Nomes	Datas em que ficaram approvados			Datas em que lhes foram concedidas as suas cartas de habilitação	Nomes e patentes dos examinadores			Observações e nomes dos primeiros individuos d'aquelle apostilado que vieram á India
		Na 1.ª parte Arithmetica, noções de algebra, geometria e trigonometria rectilinea	Na 2.ª parte Trigonometria espherica e astronomia nautica	Ultima parte Pilotagem		Na 1.ª parte do curso	Na 2.ª parte do curso	Na ultima parte do curso	
Guarda marinha	Nicolau de Costa Campos	15-11-796	–	17-6-799	1.ª parte 31-8-798 3.ª parte 30-6-799	Cap. de mar e guerra, José da Costa de Athayde Teive. Cap. tenente, Joaquim Bernardino Bonnardy. Cap. tenente, Eurico da Costa Campos.	–	José da Costa de Athayde Teive. Joaquim Bernardino Bonnardy. (O terceiro não assignou)	Valentim da Costa Campos, cap. de mar e guerra. Veio á India em 1748.
Cabo da 4.ª comp. de artil	Joaquim José Pereira de Macedo	15-11-796	–	–	1.ª parte 31-8-798	Idem	–	–	Não se sabe.
Tenente de mar	D. José Maria de Castro	14-11-798	–	–	1.ª parte 18-11-798	Idem	–	–	–
Guarda marinha	José Vicente Gomes de Costa.....	14-11-798	–	–	1.ª parte 19-11-798	Idem	–	–	Não se sabe.
Idem	Marcos Lobato Gomoiro de Faria. ...	14-11-798	–	16-6-1800	1.ª parte 19-11-798 3.ª parte 25-6-1800	Idem.	–	José da Costa de Athayde Teive. Mauricio da Costa Campos. Joaquim Bernardino Bonnardy.	Manoel Lobato de Faria. Veio á India em 1694.
1.º praticante do pilloto	José Simão Peixoto.....	15-11-798	–	13-12-1801	1.ª parte 19-11-798 3.ª parte 12-1-1802	Idem.	–	José da Costa de Athayde Teive. Mauricio da Costa Campos. (O terceiro não assignou)	–
Voluntario alf. de inf.	Christovam de Mello Sotto Maior. ...	14-11-798	–	16-6-1800	1.ª parte 19-11-798 3.ª parte 25-6-1800	Idem.	–	José da Costa de Athayde Teive. Mauricio da Costa Campos. Joaquim Bernardino Bonnardy.	Foi o primeiro. Não deixou descendencia.
Voluntario cadete de artilheria	Francisco Mariano Bruno de Sequeira.	15-11-798	–	–	1.ª parte 19-11-798	Idem.	–	–	Foi o primeiro. Não deixou descendencia.
Praticante de pilloto	Venancio Bejamim Fernandes.	15-11-798	–	9-11-1804	1.ª parte 19-11-798 3.ª parte 12-11-1804	Idem.	–	José da Costa de Athayde Teive. Mauricio da Costa Campos.	–
Voluntario	Manoel X. Coelho.	15-11-798	–	13-12-1801	1.ª parte 19-11-798 3.ª parte 12-1-1802	Idem.	–	José da Costa de Athayde Teive. Mauricio da Costa Campos. (O terceiro não assignou)	–
Tenente do mar	Raymundo d'Asse Castel-Branco....	17-6-799	–	16-6-1800	1.ª parte 30-6-799 3.ª parte 25-6-1800	José da Costa de Athayde Teive Joaquim Bernardino Bonnardy. (O terceiro não assignou)	–	Cap. mar e guerra, José da Costa de Athayde Teive. Cap. ten., Mauricio da Costa Campos. Cap. ten., Joaquim Bernardino Bonnardy.	Manuel Antonio d'Asse Castel-Branco, tenente coronel. Veio á India em 1760.
Praticante de pilloto	Luiz Antonio Dias.....	12-6-1802	–	9-11-1804	1.ª parte 16-6-1802 3.ª parte 12-11-1804	José da Costa de Athayde Teive Mauricio da Costa Campos. (O terceiro não assignou)	–	José da Costa de Athayde Teive. Mauricio da Costa Campos. (O terceiro não assignou)	–
Idem	Felix Antonio Rodrigues.	12-6-1802	–	9-11-1804	1.ª parte 16-6-1802 3.ª parte 12-11-1804	Idem.	–	Idem.	–
Idem	João Baptista de Carvalho.....	12-6-1802	–	–	1.ª parte 16-6-1802	Idem.	–	–	–
Guarda marinha	João Joaquim de Mendonça Corte Real.	9-11-1804	–	16-6-1805	1.ª parte 11-11-1804 3.ª parte 21-10-1805	Idem.	–	José da Costa de Athayde Teive. Mauricio da Costa Campos. (O terceiro não assignou)	Antonio de Mendonça Corte-Real, cap. de mar e guerra. Veio á India em 17..
Idem	Manoel Joaquim de Mattos e Goes...	9-11-1804	–	–	1.ª parte 11-11-1804	Idem.	–	–	Cypriano José de Mattos e Goes, Reitor do Lyceo das Orfans de Goa, foi á India em 17..
Idem	Francisco Xavier de Mendonça Corte Real	9-11-1804	–	–	1.ª parte 11-11-1804	Idem.	–	–	Antonio de Mendonça Corte-Real, cap. de mar e guerra Veio á India em 17..

Breve noticia dos individuos, que ficaram approvados desde 1784 até 1835 na aula de Marinha, organisada em 17 de maio de 1784 pelo capitão general D. Frederico Guilherme de Souza

Postos	Nomes	Datas em que ficaram approvados			Datas em que lhes foram conferidas as suas cartas de habilitação	Notas e patentes dos examinadores			Observações e nomes dos primeiros individuos de mesmo appellido que vieram á India
		Na 1.ª parte	Na 2.ª parte	Na ultima parte		Na 1.ª parte do curso	Na 2.ª parte do curso	Na ultima parte	
		Arithmetica, algebra, geometria e trigonometria rectilinea	Trigonometria espherica e astronomia nautica	Pilotagem					
Guarda marinha	Francisco Xavier Gomes da Costa ...	9-11-1804	–	–	1.ª parte 11-11-1804	Idem.	–	–	João Gomes da Costa. Governador de Damão. Veio á India em 17..
Praticante de Piloto	Joaquim Antonio de Souza	9-11-1804	–	–	1.ª parte 11-11-1804	Idem.	–	–	
Praticante	Sebastião José Coutinho	9-11-1804	–	25-9-1806	1.ª parte 11-11-1804 2.ª parte 27-9-1806	José da Costa de Athayde Teive. Mauricio da Costa Campos. (Não ha terceira assignatura)	–	José da Costa de Athayde Teive. Mauricio da Costa Campos. (Faltava terceira assignatura)	
Idem	Francisco Xavier Farcondes	9-11-1804	–	24-10-1808	1.ª parte 11-11-1804 3.ª parte 13-11-1808	Idem	–	José da Costa de Athayde Teive. D. Lorenço de Noronha. Manoel da Costa de Athayde Teive.	
Voluntario	Jorge da Silva Machado	9-11-1804	–	–	1.ª parte 12-11-1804	Idem	–	–	
Capitão tenente	Faustino Mourão Garcez Falha.....	19-10-1805	23-9-1806	–	1.ª parte 21-10-1805 3.ª parte 27-9-1806	Idem	José da Costa de Athayde Teive. Mauricio da Costa Campos. (Falta a terceira assignatura)	–	Candido José Mourão Garcez Falha, chefe d'Esquadrão da Marinha Real. Veio á India em 1769.
Voluntario	Agostinho Manoel Pereira	19-10-1805	22-9-1806	–	1.ª parte 21-10-1805 3.ª parte 27-9-1806	Idem	Idem.	–	
Idem	Antonio Caetano Coostaocio de Menezes	19-10-1805	25-9-1806	–	1.ª parte 21-10-1805 3.ª parte 27-9-1806	Idem	Idem.	–	
Segundo tenente	Antonio Xavier Lobo da Gama	23-9-1806	–	26-10-1807	1.ª parte 27-9-1806 3.ª parte 30-10-1807	Idem	–	José da Costa de Athayde Teive. Cap. de fragata, Mauricio da Costa Campos. Cap. de mar e guerra, D. Lorenço de Noronha.	
Praticante de piloto	Lourenço Caetano Pinto	23-9-1806	–	26-10-1807	1.ª parte 27-9-1806 3.ª parte 30-10-1807	Idem	–	Idem.	
Voluntario	Manoel Antonio dos Reis.....	23-9-1806	–	26-10-1807	1.ª parte 27-9-1806 3.ª parte 30-10-1807	Idem	–	José da Costa de Athayde Teive. Cap. de fragata, Mauricio da Costa Campos. Cap. de mar e guerra, D. Lorenço de Noronha.	
Guarda marinha	Joaquim Manoel Corrêa da Silva	22-10-1807	–	–	1.ª parte 1-11-1807	José da Costa de Athayde Teive. Cap. de fragata, Mauricio da Costa Campos. Cap. de mar e guerra, D. Lourenço de Noronha.	–	–	Manoel Corrêa. Veio á India em 17..
Voluntario cadete da 2.º regimento	Bento Zeferino Gonsalves de Macedo.	22-10-1807	–	24-10-1808	1.ª parte 2-11-1807 3.ª parte 13-11-1808	Idem	–	José da Costa de Athayde Teive. D. Lorenço de Noronha. Manoel da Costa de Athayde Teive.	Bento Zeferino Gonsalves da Macedo. Veio á India em 177..
Voluntario	Felizardo Francisco Xavier.....	22-10-1807	–	24-10-1808	1.ª parte 7-11-1807 3.ª parte 13-11-1808	Idem	–	Idem.	
Praticante de piloto	Manoel Dias	24-10-1807	–	–	3.ª parte 3-11-1807	Idem	–	–	
Praticante	Bruno Estaço das Neves	23-10-1807	–	–	1.ª parte 2-11-1807	Idem	–	–	

Mappa demonstrativa dos alumnos da extincta Academia militar que obtiveram suas cartas de habilitação nas differentes classes da mesma; dos que foram premiados nos correspondentes annos; e d'aquelles que tendo sido propostos a premios, não alcançaram por falta de numero sufficiente de votos — desde o seu estabelecimento, em 16 de julho de 1817, até a sua extincção, em 18 de agosto de 1841.

| Nomes dos discipulos censurados e premiados | Postos ou empregos que então exerceram | Datas das suas cartas | Qualidade das approvações obtidas nos diversos cursos abaixo designados | | |

Mappa demonstrativo dos alumnos da extincta Academia militar que obtiveram suas cartas de habilitação nos differentes cursos da mesma; dos que foram premiados nos correspondentes annos; e d'aquelles que tendo sido propostos a premios, não alcançaram por falta de numero sufficiente de votos — desde o seu estabelecimento, em 16 de julho de 1817, até a sua extincção, em 18 de agosto de 1841.

| Nomes dos Senhores ascendidos a premios | Postos em empregos que então exerciam | Datas das actas geraes | Qualidade das approvações optidas nos diversos cursos abaixo designados | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | Premios | | | | | | | | | | | | | | | | | | |

Mappa demonstrativo dos alumnos da extincta Academia militar que obtiveram suas cartas de habilitação nas differentes cursos da mesma;
dos que foram premiados nos correspondentes annos; e d'aquelles que tendo sido propostos a premios, não alcançaram por falta de numero sufficiente de votos — desde o seu estabelecimento, em 16 de julho de 1817, até a sua extincção, em 28 de agosto de 1841.

| Nomes dos discipulos concludos e premiados | Postos ou empregos que então servião | Datas dos actos ganhos | Qualidade dos approvações optidas nos diversos cursos abaixo designados | | |

O SYMBOLISMO DA TRIMURTI D'ELEPHANTA

Em referencia á colossal figura da Trimurti hindú, que está no celebre pagode d'Elephanta (1), lêmos no *Times of India*, de 22 de fevereiro proximo findo, um interessante artigo, firmado pelo pseudonymo *Etonensis*, cuja traducção publicamos em seguida.

«Muitos dos que passam uma hora ou mais no meio d'essas titanicas reliquias d'uma raça vetusta, detêm-se apenas por momentos em frente de cada grupo d'esculpturas, contentando-se, quanto á triade, com a explicação convencional d'ella representar Brahma, Siva e Vishnú, as tres divindades principaes d'um povo pantheistico. Mas, da face tranquilla do Creador, do minaz sorriso do Destruidor, e do placido semblante do Conservador se deriva uma significação mais profunda. Notae, por momentos, nos ornamentos das orelhas da figura central: á direita a figura d'um tigre, e á esquerda, um alligator ou qualquer outro monstro das aguas. De certo, o tigre é o symbolo do attributo destruidor ou antigenerativo, como o leão de Baccho, Hercules e Apollo, ou do javalí que, nos contos escandinavos da morte de Freya, e nas lendas de Athys e Adonis, symbolisa o poder destructivo do Ser Supremo. Assim, os antigos povos da Grecia, Egypto, India e outros consi-

(1) O dr. Garcia da Orta foi, entre os europeus, quem primeiro deu noticia do famoso pagode d'Elephanta, *Colloquios*, ed. de 1872, fl. 212 a 212 v. Seguiu-se-lhe D. João de Castro no seu *Roteiro*. Mas quem descreveu por menor a ilha e o pagode, foi Diogo do Couto na sua *Decada* VII. Com o livro de Couto na mão visitou Lopes de Lima (governador geral interino que foi d'este Estado) a ilha e o pagode, e publicou o resultado do seu exame. A descripção de Couto e a de Lopes de Lima foram, em 1880, compiladas n'um curioso folheto publicado em Bombaim pelo infeliz ex-official do exercito de Portugal, João Filippe de Gouveya. (*Nota do traductor*).

deraram a destruição um acto conjugado e preparatorio da reproducção. Os mesmos raios ardentes do sol, que abrazam e secam, enfeitam de verdura a terra e fazem-lhe amadurecer os fructos. Tambem n'uma estação absorvem as aguas, e n'outra as restituem, causando a fermentação e putrefacção, que, d'uma geração de plantas e animaes, fazem o meio productivo de outra, em progressão regular e incessante, havendo assim uma harmonia complexa, mas uniforme na serie de causas e effeitos, que caracterisam as operações da Natureza.

Deduz-se naturalmente que o ornamento da orelha esquerda tem connexão com a agua, que os antigos consideravam o elemento da potencia productora passiva do universo. Neptuno entre os romanos e Osiris entre os egypcios representavam o espirito fertilisante das aguas; e o Makara de Brahma tem a mesma significação mystica, como o golphinho das antigas moedas gregas, como Decreto (?), a deusa-peixe dos phenicios, e como as enguias sagradas da fonte de Arethusa, symbolisando todos a potencia productiva das aguas que existem tanto acima, como abaixo do firmamento. Varias e extravagantes foram as allegrias inventadas pelo homem primévo para explicar o secreto trabalho dos principios d'existencia, activos e passivos, e parece-nos que as arrecadas do Brahma d'Elephanta representam, como na fabula de Arionte e golphinho, simplesmente a pristina crença na connexão inviolavel entre os attributos, activo ou destruidor, e passivo ou reproductivo, d'uma Causa primitiva, infinita, immensa e creadora. Como a romã de Proserpina, como a cruz e o circulo nuptico na mão de Isis, o limão que Brahma traz na mão esquerda, combinada com o emblema, actualmente arruinado, na sua mão direita, corporisa e proclama a mesma idéa.

Os principaes emblemas do Destruidor são um craneo humano sobre a sua fonte esquerda, e uma cobra enroscada ao seu punho. E' obvio que o craneo significa a Morte; mas não sabemos se a serpente representa a Vida. Pouco nos auxilia a allegoria biblica, porquanto, embora tivesse sido levantada no deserto a serpente de bronze, symbolisando a vida nova e salvação, comtudo foi esse astuto animal a causa da quéda dos primeiros paes. Mas, o costume dos scythas e parthos se servirem, para suas bandeiras militares, da figura d'uma serpente ou dragão,— as honras divinas prestadas até ao seculo XVI em Noruega e Suecia ás serpentes,— e a circumstancia de que muitas inscripções sepulcraes runicas são gravadas em forma colubrina, tendem a provar que a serpente foi largamente adoptada como symbolo da Vida. Dão d'isto testemunho confirmatorio a mythologia grega, as moedas de Phenicia e Carthago, e bem assim a architectura dos templos, e os symbolos usados nos mysterios do antigo Egypto. Durante a celebração d'esses mysterios o *epoptes*, ou vidente, ficava a contemplar o interior d'uma arca sagrada, que continha tres objectos, um dos quaes era um ovo, symbolo da materia organica no seu estado inerte, correspondendo talvez ao Brahmanda da poesia puranica,— e o outro uma serpente, denotando o principio vital que põe em acção a materia organica. E' provavel que a serpente fosse adoptada como emblema da Vida e Immortalidade, por causa da propriedade natural que tem, de despir a sua pelle, e assim remoçar apparentemente, e bem assim pela sua grande tenacidade vital. E porisso é facil decifrar o egnima do craneo e da serpente: a Morte é apenas a phase da Resurreição, a Destruição o umbral da Regeneração, que é o attributo do principio activo da Vida.

O lotus é o principal emblema de Vishnú, a terceira

figura da Trimurti. Sendo sereproductor e d'uma natureza vivipara entre as plantas aquaticas, deve ter, em pristinas epocas, representado a potencia reproductora passiva das aguas, e, consequentemente, o principio passivo da creação. O seu pericarpo, sob o nome de *modius* ou *polos*, corôava a testa de Plutão, Serapis, Venus e Isis; a sua flôr era o assento dos deuses de Tartaria; e, seguindo a mesma ordem de idéas, os hindús collocaram o lotus na mão da figura feminina de Vishnú que, sob o nome de Narayana, a emanação ou espirito do Supremo, se move sobre as aguas. Brahma enthronizado no lotus é um outro symbolo da harmoniosa cooperação dos dois primeiros principios, pelos quaes da escuridão vazia e amorpha evoluiu a vida.

Assim a Trimurti representa a divisão triuna dos attributos ou modos d'acção d'uma Causa Primaria indefinivel. Siva, na pessoa de Brahma que sustém a balança da Vida e Morte, é uno com Siva como Rudra, o principio activo, significando tanto a geração como a destruição, e tambem uno com Siva como Visbnú, o principio passivo, significando a reproducção e conservação. Esta idéa da Trindade e Unidade não é só peculiar da India, pois a Trimurti é parallela ao triangulo mystico do Egypto, á triade suprema de Heliopolis, e á triuna imagem de Odin, Freya e Thor em Upsala, Suecia. «Quasi todas as nações do mundo — escreve um homem versado em mythologia — que se têm desviado da rude simplicidade do theismo primitivo, tiveram a sua Trindade na Unidade, a qual, quando não limitada pela revelação divina, se tem ramificado em interminaveis e intricadas personificações de attributos subordinados, fornecendo, consequentemente, assumpto ás ficções elegantes de artistas e poetas».

GOA E ALGUMAS DAS SUAS POVOAÇÕES

Toponymia e etymologia

Assim como os outros paizes, a nossa Goa e algumas das suas povoações têm nomes antiquissimos, que são tirados de velhas tradições, dos factos locaes, dos monumentos que existiram ou ainda existem, dos nomes dos idolos hindus, dos habitantes, etc.

Para que taes nomes não fiquem em olvido, como o não são em muitos paizes civilisados, em que se fazem semelhantes investigações, vamos registar os que nos constam. seja pela tradição, seja pela leitura de varios livros e jornaes.

Goa—Tira o nome, segundo uns de *Gomant* ou *Gomantaka, Gova* ou *Gopacur* (cidade de vela por ter sido out'ora de muito commercio), que se deriva provavelmente de *Govarashtra*, uma das 7 partes, em que estava dividida *Sapatakoncona* ou *Goparashtra*, que foi districto das antigas tribus nomadas; e segundo outros, de *Goaldeo*, filho de Clutendem, neto de Tolochém Cadamo e principe muito poderoso, que, dilatando as suas conquistas, a fundára em 1054, devendo o seu florescimento a Sadamo, homem muito versado nas mathematicas e logar-tenente de Zaquessi, filho e successor do mesmo Goaldeo. Era antigamente chamada por excellencia *Goa movat*, isto é

terra fresca e fertil, nome que se abreviou pelo volver dos tempos, chamando-se *Goe*, e os portuguezes mudando o *e* em *a*, chamaram *Goa*.

Tissuary — *Tis* e *vaddy*, 30 aldeias, pois que antigamento era assim dividida esta ilha.

Calapôr—Deve o nome ao seguinte facto. Correndo antigamente uma grande questão entre as communidades de Calapôr e de Taleigão, sobre á qual dellas pertencia um vasto campo, accordaram os gancares de ambas que devia resolver a mesma questão o seu oraculo, sem recurso, e se designou um sitio do referido campo, onde se devia invocar a divindade. Quatro gancares de Calapôr sepultaram vivo, com antecipação e ás occultas, um individuo que lhes era affecto, mettendo-o n'um caixão para decidir a seu favor, como decidiu. Quando se sepultava o tal homem, dissera *Calapur* (enterra abaixo).

Combarjua—Das palavras *cumbares* (oleiros) e *Jua* (ilha) originou o nome, visto ter sido antigamente habitada pelos oleiros.

Divar—E' tirado o nome do pagode *Devallêm* que existia ahi, dedicado ao idolo *Gonesso* ou *Gonopoty*, que tinha corpo de homem e cabeça de elefante, e que era adorado tanto pelos gentios desta ilha, como das povoações visinhas; tendo sido fabricada posteriormente no local do mesmo pagode uma ermida, cujo orago era N. S. de Divar, a qual faz hoje parte do cemiterio da freguezia da Piedade.

Gandaulim—Segundo uns, deriva o nome de *gauddés*, antigos habitantes desta aldeia, e de *ala*, fileira ou bairro; e segundo outros, de *Goum*, trigo, porque haviam ali muitos negociantes deste artigo em tempos passados; sendo por isso chamada esta aldeia em concani *Goundaê*.

Mallar—Traz a origem das palavras vernaculas *motiam*

e *lar*, onda de aljofres, por ter sido antigamente muito rica esta aldeia.

Panelim — Tomou o nome de *panveli* (betle), que se produzia ahi em grande quantidade.

Ribandar — Corrupção de *Rai-bondir*, desembarcadouro dos vice-reis, visto que segundo a tradição, no seu principal caes, que é quasi fronteiro ao palacio do sr. conselheiro Conde de Ribandar, desembarcaram antigamente muitos vice-reis.

Salsete — *Saste* ou *sat* e *poty*, 67 verbas de arrecadação, visto que tantas eram as do foros, que pagavam as communidades, que tomaram o nome commum de aldeias.

Benaulim — De *Banhavalli*, isto é de *cima de arco*, por ter sido o campo de batalha de *Porisramo* na 6.ª encarnação brahmanica, o qual pelejou com arco e flecha.

Betalbatim — Compõe-se das palavras *Bethal* e *batty*, isto é *sapol de Betalo*, semi-deus dos gentios, que se representa como o Priapo dos pagodes, pois que, nos tempos do paganismo, era elle adorado no pagode d'essa aldeia. Existe ahi ainda hoje a sua estatua.

Majordá — Quer dizer *mazo* (centro) e *ord* (metade), por estar situada no centro da beira do mar, chamado *Ubó dandó*.

Margão — Provém o nome, segundo uns, das palavras *matto* e *grama*, que em sanscrito significa terra de grande pagode, em que reside o supremo prelado (*suami*); e segundo outros de *mazogão*, aldeia do centro, e *manê gão*, aldeia de negocio.

O illustre excriptor, F. N. Xavier diz acerca desta aldeia no seu *Gabinete litterario das Fontainhas*, o seguinte: «O auctor do Oriente Conquistado (V. 2.º, C. I, D. I, § 8) apresenta diversas fontes, donde suppõe derivado o mesmo nome; e taes são: *Margão* vem de *Marsé-*

gão (aldeia dos diabos). Que os gentios magnates para occultar esta definição deduziram de *Malgão*, I.ª aldeia da provincia por ser com effeito; outros *Maza gão*, aldeia do meio ou do centro, mas os que fallam com melhor noticia, a declaram aldeia dos farazes, os quaes ainda se conservam no bairro Moroda (diz o auctor) e formam os primeiros povoadores desta aldeia, alias elles habitam hoje o bairro Maddel; todavia quando lançam pregão para a convocação da communidade correndo todos os bairros, exceptuam o de Moroda, apezar de ter ali gancares e isto ainda hoje se observa, não obstante ser uma pratica de remota era! Que se chamou dos diabos, porque ainda de dia claro appareciam em um monte sobranceiro á povoação, chamando pelos proprios nomes dos gancares para lançar fóra os padres (jesuitas), porisso estes construiram no cimo deste monte uma ermida a Santa Cruz».

Mormugão—Nasceu o nome das palavras *mormu* e *gão*, aldeia de aljofres na lingoa sanscrita. Diz o *Oriente Conquistado* (vol. 2.º, C. I, D. I, § 30), aldeia de perolas, pois que se pescavam ahi muitas, mas que foi abandonada esta industria, porque o commandante da praça tirava todo o proveito da mesma.

Sancoale —Divide-se o nome em 2 palavras *Sanca* ou *Senca* (buzio) e *vaddy*, (aldeia) isto é aldeia de buzios que os gentios veneram muito, e que nas praias d'essa aldeia se encontram em grande quantidade.

Bardez — *bará dés*, 12 dessayados, porque outr'ora era assim dividida esta provincia.

Assagão, isto é, *assá* ha e *gão* aldeia, palavras que formaram o nome d'esta aldeia; pois que estando antigamente a caminhar alguns individuos e chegando a um oiteiro visinho, viram como por acaso esta aldeia e disseram aquellas palavras.

Nachinolá — Tendo sido antigamente invadida pelos habitantes dos Gattes a provincia de Bardez, a população fugiu aos oiteiros. Esta aldeia era *in illo tempore* muito rica, porque iam ali os dessaes muito abastados de quasi toda Goa por causa de bailadeiras, que a povoavam e que eram por elles gratificadas á mão cheia, chegando alguns d'elles a ficar completamente arruinados. Quando os invasores chegaram á ilha visinha de Corjuém, aquellas prostitutas ficaram muito assustadas e mandaram para ali uma deputação dos seus *mordangueiros*, afim de lhes fazer uma proposta, propria d'ellas, com tanto que as não maltratassem, como tinham procedido com os habitantes das aldeias circumvisinhas, tendo sido muitos d'elles mutilados, queimados etc., mas não tendo sido acceita aquella proposta, apezar de mil rogos dos emissarios, resolveram ellas em conselho, como ultimo recurso, cantar e dançar do melhor modo possivel para seduzir os invasores, logo que entrassem na aldeia e assim vencel-os; e quando porventura, não conseguissem este seu *desideratum*, decidiram-se a morrer como heroinas, sem comtudo abandonar os seus lares. Tendo vindo os invasores, ficaram muito fascinados não só pelos cantos e danças, mas ainda pelo traje e requebros d'ellas, nunca dantes vistos por elles e não proseguiram no seu malevolo intento, declarando publicamente que a localidade era sagrada e por conseguinte inviolavel. De *nachu* (dança) veio, pois, a esta aldeia o nome de *Nachinolá*. Tendo-se depois extinguido a raça das bailadeiras, os dessaes que eram seus constantes hospedes, chegaram a habital-a.

Satary — Sotor-gão, 70 aldeias, em que está dividida esta provincia.

Pondá — Tira a origem da sua propria situação, que é baixa como cova *(fondo)*, e por isso em lingoa vernacula

se diz *Fondêm*, de que se fez *Pondá*, pois esta palavra na mesma lingoa significa *abaixo*.

Angediva ou *Anchediva*— Deriva-se o nome, segundo uns, da deusa *Azeadealy*, que era sua antiga padroeira, e segundo outros, de *malayalam, anju-divu*, isto é, 5 ilhas de que se compõe, formando um pequeno archipelago; mas pode ser uma interpretação do antigo nome, o *Aghidion Nesos* de Ptolomeu.

Em muitas aldeias ha bairros, cujos nomes têm origem mais ou menos semelhante aos dellas, os quaes seria muito longo enumerar. Apresentamos, porem, como amostra os seguintes:

Bairro da côrte (Pangim); *bairro da nobreza* (Ribandar); *bairro do clero* (Velha Goa); *Vinar-vaddó* — dos ferreiros; *Sonar-batta* — dos ourives; *Fonsa-vaddó* — dos Affonços; *Manxé-batta* — dos portaes; *Car-vaddó* — dos pescadores; *Mar-vaddó* — dos farazes: *Bamon-vaddó* — dos bramanes; *Fontainhas* — da fonte; *Oilô-vaddó* — de cima; *Modlô-vaddó* — do meio; *Socoilô-vaddó* — de baixo; *Nag-vaddó* — de cobra de capello; *Naicá-vaddó* — dos naiques; *Cumar-vaddó* — dos oleiros; *Pimpolo-vaddó* — de pimpól, etc. etc.

Viriato A. C. B. de Albuquerque.

INSCRIPÇÕES E EPITAPHIOS NAS IGREJAS DE BOMBAIM

TRASLADADOS DOS PROPRIOS

(Continuação da pag 423 do 1.º volume d'esta Revista)

X

Consagrada
A saudosa memoria
de
D. Anna Joaquina da Silva
Esposa de
Pascoal Manuel da Silva
Fallecida em 26 de março de 1858
Da edade de 45 annos e 64 dias

A sua virtude viverá eterna
Na lembrança do seu magoado consorte
E
De toda a sua desconsolada familia

P. N. e A. M.

XI

Repousam sob esta campa
Serafina da Silva
Filha de
Eduardo Arthur de Sousa
E seu espozo
Pascoal Manuel da Silva
Juiz de Paz
Negociante e Secretario de Colaba Press
E Land Company
etc. etc. etc.

Respeitados ambos durante a vida
Pelas nobres e altas qualidades
De que Deus os dotara
E chorados apoz a morte por todos que os conhecerão
Terminaram a sua carreira vital
Aquella a 18 de outubro de 1836
Tendo apenas de idade 19 annos, 11 mezes e 15 dias

A piedade filial
Consagra este monumento
A' memoria dos finados

XII

A saudosa memoria
de
Roza da Silva e Viegas
Fallecida aos 18 de março de 1857
Com 24 annos e 2 mezes de idade

Arrebatada no verdor dos annos
A' affeição do seu contristado pae
Pascoal Manoel da Silva
E a ternura do seu atribulado espozo
Gabriel Viegas
Deixou atraz de si tres filhos
Que a chorão inconsolaveis

Sobre esta lousa
Que cobre os mortaes despojos
Da sua bem amada
Fez o seu extremoso consorte
Gravar esta legenda

P. N. e A. M.

XIII

Jazem
N'esta sepultura
Os restos mortaes
de
Cosme José de Souza
natural
De Parrá de Bardez de Goa
Empregado do governo britanico
Qual
Attendendo os seus serviços
O agraciou com pensão.
Passou desta para melhor vida
Aos 22 de maio de 1855
Na edade de .5 annos
Deixando em Goa e em Bombaim
Familia para lamentar á sua perda
Seu filho
José de Souza
Poz esta campa

Para perpetuar a memoria do
Seu extremoso pae
Requiescat in Pace

P. N. e A. M.

XIV

Aqui jaz
Serafina da Silva e Viegas
Cara espoza de
Amador Viegas Junior
E filha meiga de
Pascoal Manoel da Silva
Que na idade prematura de
19 annos, 5 mezes e 21 dias
Terminou a sua carreira vital
Aos 8 de dezembro de 1855.
Deixando seu espozo e filha
Para lamentar a sua morte

O seu espozo em signal de sua affeição
Mandou-lhe pôr esta campa
Requiescat in Pace

XV

Consagrada
Pela piedade conjugal
A' memoria
De
D. Thereza da Silva Viegas
Filha querida
de
Pascoal Manuel da Silva
E de
D. Serafina de Souza e Silva

Nasceo a 11 de novembro de 1834
E falleceo a 3 de julho de 1866
Deixando de si na terra
Saudades profundas
Nos corações de quantos a conheciam

Seu inconsolavel consorte e amigo
Salvador Viegas
Poz aqui esta lapide

P. N. e A. M.

XVI

A memoria
de
Joseph de Souza
Filho solteiro
de
Eduardo Arthur de Souza
E de
Roza de Souza
Falleceu aos 17 de setembro de
1818
Tendo a idade de 31 annos, 5 mezes e 5 dias.
Jazem
N'esta mesma sepultura os restos mortaes de seu pae
Eduardo Arthur de Souza
Filho de Antonio de Souza de Madrasta
Faleceu aos 17 de novembro de 1821

Roza de Sousa mãe e espoza
Por sua piedade filial e conjugal
Mandou collocar sobre estes despojos
Esta lapide

Sepultura perpetua e gratuita
Concedida pela freguezia
A familia directa do senhor Antonio de Souza
De Madrasta
Em reconhecimento da munificencia d'elle
Para com esta igreja

P. N. e A. M.

XVII

Descanção
N'este jazigo
Os restos mortaes de
Francisco Antonio de Carvalho Junior
Fallecido aos 7 de janeiro de 1861
Contando apenas 31 annos, 3 mezes e 18 dias
De idade

Um accidente fatal (1) cortando-lhe o fio da vida
Robou-o no verdor dos annos
Ao affecto e carinhos
Da sua desolada esposa
D. Amelia Leopoldina da Silva
Da sua atribulada familia
E contristados amigos
E do seu inconsolavel pae
Francisco Antonio de Carvalho
O qual mandou collocar
Esta lapida

(1) Quéda desastrada d'um carro. Vide Cunha Rivara, *Jornada ás Praças do Norte*, no *Instituto Vasco da Gama*, 1.º volume, pg. 247.

Oremus a Deus
Para que na mansão dos justos
Lhe conceda eterno reponso
Amen
P. N. e A. M.

XVIII

Debaixo d'esta fria campa jaz
Francisco Xavier Rodrigues Chicó
Natural de Candolim de Goa
Nascido aos 29 de dezembro de 1793
E
Fallecido aos 5 de maio de 1866

Quem, leitor, aqui jaz,
Esta supplica faz,
Lê, pensa e bem pesa
E a Deus por elle reza.

XIX

Aqui jaz
Ramiro Antonio Caetano
Demosthenes Rodrigues Chicó
Natural de Candolim de Goa
Nascido aos 13 de dezembro de 1844
e
Fallecido aos 8 de agosto de 1866

Pede-se um Padre Nosso e
Ave Maria por caridade

XX

Descança
N'este jazigo
Cecilia Octavia Dias
Que passou desta para a melhor vida
Aos 13 de agosto de 1846
Perfeitamente resignada
Na vontade do seu Creador
Na edade de 28 annos, 9 m. e 2 dias.

Arrebatada no verdor dos annos
Ao extremoso amor do seu magoado espozo
Ignacio do Rosario Dias
Com quem fôra casada seis mezes antes
Eterna viverá
Na lembrança do seu afflicto conjuge, do
Consternado Pae
Rogerio de Faria
E de toda a sua inconsolavel familia
De quem era delicias

A piedade e affeição conjugal
Mandou gravar
Esta legenda
Para perpetuar memoria.

(Continúa)

J. B. Amancio Gracias.

GALERIA LAPIDAR NO MUSEU REAL DA INDIA PORTUGUEZA

(Continuação do numero antecedente)

N.º 40 bis

Fragmento de uma lapide em que apenas se lê o seguinte:

mon
opus
nus
A ...

Nota — É uma pequena lasca de pedra solta que, entre outras suas companheiras sem letreiro, jazia voltada para baixo no adro da egreja do convento de S. Caetano. Quando depois de limpa da cal que tinha adherente, apresentou visiveis as letras acima indicadas, veiu-nos logo ao pensamento que essa lasca faria talvez parte de alguma lapide existente no Museu, e effectivamente sendo para ali transportada e collocada ao lado esquerdo da campa, que na galeria lapidar tem o n.º 40, ajustou perfeitamente a esta, que agora com este accrescentamento diz o seguinte:

Olivarius Simon
Lebon Episcopus
Metopolitanus
Et Adiuctor A...
Tolicus Reg...
... mi ...

N.º 41

Fragmento de uma campa sepulchral que tinha armas (restam vestigios) e epitaphio, do qual se lê apenas o seguinte:

..... ta
..... maio d

Nota — Pequena lasca de uma pedra solta, encontrada

entre outras que não tem letreiro, no adro da egreja do convento de S. Caetano. Não sabemos onde esteve a campa quando inteira, nem cuja sepultura cubria em alguma das egrejas da antiga cidade de Goa. O fragmento agora encontrado está já no Museu occupando o logar competente na sua galeria.

N.º 42

Fragmento de uma campa sepulchral, onde não se lê senão o seguinte:

..... es
.... dand
E de seus er...
...s

Nota — Pequena lasca de uma pedra solta que parece ter sido a parte inferior da lapide que cobria alguma sepultura. A parte superior desappareceu.

(Continúa)

J. M. do Carmo Nazareth.

O ORIENTE PORTUGUEZ

REVISTA DE ARCHEOLOGIA

Fundada em 1904

Esta Revista, de que já está publicado um volume no anno findo, é orgão da *Commissão permanente de archeologia da India Portugueza*. Publica-se em numeros de 24 paginas ou mais. Doze numeros formarão um volume, com o seu frontispicio, indices e capa especial.

Preço de cada n.º avulso . . . . . 0:05:06 — 137 1/2 reis de Portugal
Preço de cada n.º por assignatura. 0:04:06 — 112 1/2 réis de Portugal

---

ASSIGNATURAS

Envia-se cada numero pelo correio aos assignantes acrescendo a importancia dos sêllos.

É agente d'esta Revista em Lisboa a «Antiga Casa Bertrand, José Bastos, livreiro-editor», Rua Garrett, 73 e 75.

AVISO

Solicita-se de todos os nossos assignantes e leitores d'esta revista, a fineza de nos proporcionarem a leitura, analyse, e reproducção de quaesquer obras litterarias, manuscriptos, etc., plantas, quadros, aguarellas, photographias, desenhos, etc., de valor archeologico, sua propriedade ou que possam obter por emprestimo, os quaes serão cuidadosamente respeitados e restituidos. Aos referidos assignantes e leitores, que se dignarem satisfazer a este appello, serão manifestados os merecidos agradecimentos nos numeros d'esta revista.

De todas as publicações litterarias e scientificas, de que a commissão de redacção receber um exemplar, far-se-ha menção na Revista.

CORRESPONDENCIA

Toda a correspondencia litteraria, bem como os originaes destinados á publicação n'esta Revista, serão dirigidos a qualquer vogal da commissão de redacção, ou ao secretario da commissão permanente de archeologia, José Maria do Carmo Nazareth — Nova Goa; — sobre assumptos de administração, dirigir-se-ha a correspondencia á *Imprensa Nacional*.